

Projeto Básico Ambiental (PBA) LT CC ± 800 kV Xingu / Estreito e Instalações Associadas

P.04 – Programa de Reposição Florestal

Equipe Responsável pela Elaboração do Programa			
Responsável	Formação	Registro Profissional	Cadastro Técnico Federal – IBAMA
Denise Sasaki	Bióloga	CRBio 35829-01-D	1031904
Alexandre Afonso Binelli	Eng. Florestal	CREA 5060815490	249060

Controle de Revisão			
Revisão	Data	Descrição	Responsável/ Empresa

P.04 – Programa de Reposição Florestal

1. Introdução/Justificativa

O Programa de Reposição Florestal foi proposto no EIA da LT CC ± 800 kV Xingu / Estreito e Instalações Associadas (JGP, 2015) como uma medida compensatória pelos impactos decorrentes da supressão da vegetação necessária para a sua implantação, por meio da recomposição da vegetação em áreas alteradas. Dessa forma, visa-se a restauração adequada dos ecossistemas alterados, contribuindo para a criação de ambientes atrativos para a fauna.

Caso sejam identificados remanescentes significativos de vegetação nativa no entorno do empreendimento, a compensação poderá ser efetivada com a promoção de sua conservação, por meio da aquisição das terras onde se localizam ou ainda por meio da averbação desses remanescentes como reserva legal de propriedades de terceiros, em adição aos 20 ou 80% que são requisito legal, conforme o Estado, ou ainda averbação ou algum outro mecanismo de garantia de preservação em área de domínio público.

Assim, este Programa apresenta uma metodologia para compensar os seguintes impactos causados pelo empreendimento:

- Redução da cobertura vegetal e/ou habitats;
- Redução da população de indivíduos de espécies protegidas e/ou ameaçadas de extinção;
- Fragmentação e/ou alteração da conectividade entre remanescentes de vegetação nativa adjacente;
- Alteração da vegetação remanescente adjacente em virtude do efeito de borda;
- Ampliação do risco de ocorrência de incêndios na vegetação remanescente adjacente;
- Inibição da regeneração secundária da vegetação nativa na faixa de servidão na operação da LT.

Para viabilizar a sua implantação, será necessário estruturar uma equipe de gerenciamento, que deverá não somente supervisionar a execução das atividades de recomposição da vegetação, mas também conduzir os trabalhos de busca e seleção das áreas-alvo deste Programa, a negociação e o ajuste de termos de compromisso com os respectivos proprietários ou gestores.

O empreendedor será responsável pela implantação do Programa e a observância de todas as medidas de controle ambiental; porém, as atividades inerentes à sua execução poderão ser executadas por empresas contratadas. Assim, caberá ao empreendedor, com o apoio de especialistas, a correta implantação de todas as medidas pertinentes, produzindo prova documental do fato.

O início das atividades nas áreas destinadas a este Programa só ocorrerá após emissão do parecer do órgão licenciador (IBAMA) autorizando o uso das áreas para os fins propostos.

A seguir, é apresentada a estratégia de implantação do Programa, bem como o detalhamento das atividades e procedimentos a serem considerados na elaboração dos projetos específicos de recomposição vegetal.

1.1 Atendimento a Requisitos Legais e/ou Outros Requisitos

A Instrução Normativa MMA N° 06/2006 e o Decreto Federal N° 5.975/2006 definem, dentre outros aspectos, a necessidade de reposição florestal para a pessoa física ou jurídica que detenha autorização de supressão da vegetação natural. A mesma disposição consta no Art. 4° do Decreto Estadual do Pará N° 174/2007.

O Art. 6° do Decreto Estadual do Pará N° 174/2007 estabelece que “*Não haverá duplicidade na exigência de reposição florestal na supressão de vegetação para atividades ou empreendimentos submetidos ao licenciamento ambiental...*”.

Sendo o empreendimento licenciado no âmbito do IBAMA, as propostas metodológicas para recomposição da cobertura vegetal nativa foram baseadas na Instrução Normativa MMA N° 05/2009, a qual dispõe sobre os procedimentos metodológicos para restauração e recuperação das APP e da Reserva Legal instituídas pela Lei Federal N° 12.651/2012.

2. Objetivos

O Programa de Reposição Florestal objetiva compensar os impactos sobre a vegetação nativa decorrentes da implantação da LT CC ± 800 kV Xingu / Estreito e Instalações Associadas, principalmente a redução da cobertura vegetal nativa e a fragmentação da vegetação no entorno do empreendimento.

Assim, os objetivos específicos do Programa são os seguintes:

- Gerenciar e supervisionar as atividades da compensação deste Programa mediante a centralização dessas responsabilidades em uma equipe especializada, que deverá verificar a observância das medidas propostas;
- Repor/compensar o quantitativo (em hectares) de área a ser compensada em função da supressão da vegetação para a implantação do empreendimento, o qual deverá ser aprovado pelo IBAMA;
- Definir a localização das áreas de compensação alvo deste Programa, que poderão ser:
 - Áreas desprovidas de vegetação nativa onde se executará recomposição vegetal;
 - Áreas com vegetação nativa degradada onde se executará a condução da regeneração ou enriquecimento;
 - Áreas que contenham remanescentes significativos de vegetação nativa cuja conservação será promovida pelo empreendedor.
- Detalhar e planejar a execução da recomposição vegetal por meio da elaboração de projetos específicos, que contenham o delineamento da metodologia a ser adotada, os quantitativos e locais de recuperação, as atividades de manutenção e

monitoramento, o cronograma de execução, entre outros;

- Realizar a recomposição vegetal das áreas determinadas com os métodos mais apropriados, de maneira a propiciar o restabelecimento da vegetação nativa original da região, considerando a diversidade de espécies;
- Promover a conservação de áreas que abarquem remanescentes significativos de vegetação nativa por meio de sua aquisição ou averbação e conservação;
- Monitorar as áreas onde foi realizada a recomposição da vegetação, com o intuito de otimizar o estabelecimento das etapas de sucessão ecológica até que essas áreas sejam consideradas recuperadas de acordo com os padrões estabelecidos neste Programa, adotando para isso as medidas de manutenção necessárias;
- Contribuir para a formação de corredores ecológicos no entorno do empreendimento;
- Contribuir para o estabelecimento de habitats atrativos para a fauna, bem como dos processos ecológicos da região.

3. Metas

As metas do Programa de Reposição Florestal são:

- Elaboração para aprovação do IBAMA, de 100% dos projetos de recomposição da vegetação até a emissão da Licença de Operação (LO) do empreendimento, incluindo indicação das áreas e cronograma de execução;
- Escolha das áreas, apresentação ao IBAMA e negociação em até 12 (doze) meses após a emissão da Licença de Instalação (LI) da LT.
- Cumprimento da compensação acordada com o IBAMA, no prazo definido e aprovado nos projetos.

4. Público-alvo

O Programa de Reposição Florestal tem como público-alvo os proprietários das terras onde será realizado o plantio, com os quais a BMTE deverá estabelecer tratativas para aquisição/definição das áreas a serem recuperadas/conservadas/averbadas no âmbito deste Programa. Da mesma forma, fazem parte do público-alvo os órgãos gestores das Unidades de Conservação, dentro das quais podem ser escolhidas áreas a serem recuperadas.

5. Área de Abrangência

Para a escolha das áreas que serão contempladas por este Programa, deverão ser avaliados critérios que otimizem os ganhos ambientais, como a intervenção em áreas maiores e a formação de corredores ecológicos. Deverão ser consideradas áreas localizadas nos domínios dos biomas Amazônia e Cerrado, visto que ambos serão afetados pelo empreendimento, e também nos cinco Estados interceptados pela LT e Linha do Eletrodo Estreito (Pará, Tocantins, Goiás, Minas Gerais e São Paulo). A quantificação da área a ser compensada (em hectares) será calculada com base na área de supressão de vegetação, que constará nos requerimentos de Autorização para Supressão da Vegetação e Intervenção em APP – ASV a serem elaborados para cada

componente do projeto.

6. Metodologia / Atividades a serem Desenvolvidas

A coordenação das atividades necessárias para o cumprimento dos compromissos de compensação exigirá um esforço especial, com alocação de equipes especializadas. Essa coordenação será atribuição da área de gestão ambiental do empreendedor, que designará uma equipe com as funções de busca de locais para a recomposição da vegetação, obtenção de anuência para cada local (do proprietário, de órgãos gestores e do IBAMA), elaboração de projetos de recomposição vegetal, acompanhamento da análise e aprovação dos mesmos e supervisão/monitoramento da execução das atividades de recomposição.

Conforme já mencionado, a compensação prevista neste Programa também poderá ser realizada, alternativamente, pela promoção da conservação de remanescentes significativos de vegetação nativa. Para tanto, poderão ser adquiridas pelo empreendedor as terras onde se localizam esses fragmentos, ou pode-se averbar esses fragmentos como Reserva Legal de propriedades de terceiros (em adição à área de Reserva Legal requerida por Lei, ou seja, 20% ou 80% da área da propriedade, dependendo do Estado). Nesses casos, deve-se verificar a necessidade de se realizar intervenções para garantir sua conservação, como o cercamento da área, construção de aceiros ou ainda o enriquecimento da vegetação.

Os projetos de recomposição vegetal deverão indicar os métodos de recuperação que serão adotados, as espécies que serão utilizadas, os procedimentos executivos de implantação e de manutenção, o cronograma executivo e outros aspectos pertinentes. Os projetos serão submetidos à aprovação do IBAMA.

Em conformidade com a Instrução Normativa MMA N° 05/2009, dependendo das condições das áreas a serem recompostas, recomenda-se diferentes procedimentos metodológicos para a recomposição da vegetação, como segue:

- Plantio de mudas de espécies nativas em área total (densidade de 1.111 a 1.667 mudas por hectare);
- Plantio de mudas de espécies nativas em ilhas de diversidade (nucleação) na densidade 600 mudas por hectare;
- Condução da regeneração natural, prevendo o enriquecimento com plantio de mudas ou sementeira;
- Plantio mecanizado de sementes de espécies nativas em área total.

Complementarmente, poderão ser utilizadas outras técnicas de nucleação visando ao incremento do processo sucessional, como transposição de solo, poleiros artificiais e transposição de galharia. Serão observados os seguintes aspectos para a recomposição da cobertura vegetal das áreas selecionadas: diversidade biológica, utilização de espécies nativas regionais, utilização de espécies ameaçadas de extinção, escolha e combinação de espécies, origem e qualidade das mudas e aspectos de manejo do plantio e manutenção, entre outros. No **Anexo 1** são apresentadas as diretrizes gerais para a

recomposição da cobertura vegetal das áreas que serão contempladas pelo programa.

As áreas onde será realizada a recomposição da vegetação serão avaliadas para verificar a necessidade de isolamento dos trechos que são contíguos a áreas de pastagem, com a construção de cercas. Serão implantados aceiros impedindo a chegada de fogo proveniente de áreas adjacentes, já que é comum a prática de renovação das pastagens com o uso do fogo.

A compactação do solo deverá ser avaliada para julgar a necessidade de uma descompactação mecânica, tanto das áreas onde se realizará a condução da regeneração natural como das áreas em que haverá plantio de mudas ou de sementes. Há a possibilidade de descompactação do solo apenas na cova de plantio. A implantação dos projetos de recomposição vegetal deverá ser realizada nos períodos chuvosos.

As áreas onde forem executados os trabalhos de recomposição vegetal compensatória, tanto plantios em áreas abertas como o enriquecimento de fragmentos, serão monitoradas após a conclusão dos trabalhos. O foco da supervisão, durante essa fase dos projetos, será a verificação do processo de consolidação dos plantios ou regeneração, assim como as práticas adequadas para minimizar possíveis impactos ambientais e para a sua proteção. Assim, a efetividade do método de recomposição adotado também deverá ser avaliada, prevendo-se inclusive ajustes caso seja constatada a ineficiência da estratégia adotada.

Em atendimento ao Parecer 02001.001888/2015-16 COEND/IBAMA, que subsidiou a emissão da LP Nº 506/2015, propõe-se inicialmente o monitoramento da recomposição da vegetação por 04 (quatro) anos consecutivos, divididos em oito campanhas semestrais. No entanto, nas áreas onde for verificada a consolidação do plantio antes do término deste período, o responsável pelo monitoramento poderá recomendar a cessação das vistorias, desde que devidamente comprovado e justificado. Neste caso, o IBAMA deverá ser consultado quanto a essa recomendação.

A manutenção dessas áreas deverá ocorrer sempre que for constatada a necessidade, a partir da indicação das equipes de monitoramento do Programa. Serão promovidos os tratamentos culturais necessários ao bom desenvolvimento das mudas plantadas e das áreas manejadas, tais como: controle da infestação por herbáceas, controle da reinfestação por trepadeiras, tutoramento e poda de formação das mudas, correção e adubação do solo e demais medidas pertinentes.

Outras atividades importantes a serem executadas no âmbito deste Programa encontram-se listadas a seguir:

- A equipe de gerenciamento do Programa deverá ser estruturada em até dois meses após a emissão da Licença de Instalação;
- Os contatos institucionais deverão ser iniciados imediatamente, com, por exemplo, prefeituras e comitês de bacias, seguindo as orientações do IBAMA;
- Os contatos com os proprietários de áreas passíveis de receberem a compensação serão iniciados assim que se concluir o levantamento das áreas que poderão ser alvo

do Programa;

- Serão subscritos contratos com proprietários de áreas privadas, os quais delimitarão claramente as responsabilidades de cada parte, inclusive no relativo à manutenção e vigilância após a conclusão das atividades do Programa, especificando o momento e as condições em que ocorrerá a transferência dessa responsabilidade para o proprietário;
- Os contratos ou convênios para a intervenção em áreas de domínio público também incluirão o compromisso dos gestores com a manutenção continuada da área e a sua preservação em longo prazo.

O cálculo da área de supressão de vegetação para o empreendimento constará das solicitações da Autorização para Supressão de Vegetação e Intervenção em APP – ASV, a serem apresentadas ao IBAMA para cada componente do projeto.

Para a delimitação dos biomas, será considerado o Mapa de Bioma do Brasil do IBGE (2004), conforme foi utilizado no EIA do empreendimento (JGP, 2015).

6.1. Seleção de Áreas para a Recomposição Vegetal Compensatória

A escolha das áreas que serão alvo de compensação no âmbito deste Programa seguirá critérios de priorização, a fim de se proporcionar maiores ganhos ecológicos. Assim, serão priorizadas áreas maiores, visando a um maior efeito ecológico, em detrimento de áreas pequenas onde os ganhos ambientais serão pontuais.

Cabe mencionar que a compensação deverá compreender regiões nos biomas Amazônia e Cerrado, nos cinco estados abrangidos pela LT e Linha de Eletrodo (PA, TO, GO, MG e SP). Ressalta-se que todas as áreas selecionadas serão submetidas à análise do IBAMA antes da elaboração dos respectivos projetos de recomposição vegetal.

Assim, configuram-se entre as maiores prioridades as seguintes condições:

- Áreas degradadas localizadas dentro de Unidades de Conservação situadas na Área de Influência do empreendimento;
- Áreas que contribuam para a formação de corredores ecológicos;
- Áreas que apresentem passivos ambientais, como processos erosivos e APPs desprovidas de cobertura vegetal nativa;
- Áreas de domínio público não protegidas, como áreas devolutas;
- Áreas prioritárias para conservação (MMA, 2007) abrangidas pela Área de Estudo do empreendimento, conforme apresentado no EIA do empreendimento.

Conforme mencionado anteriormente, a compensação no âmbito deste Programa também poderá ser realizada mediante a compra ou a averbação de áreas que abriguem fragmentos de vegetação nativa em bom estado de conservação. O empreendedor será responsável por sua conservação, podendo ser necessário realizar medidas de proteção (p.ex. cercamento e construção de aceiros) ou de enriquecimento da vegetação.

7. Indicadores de Desempenho

Os indicadores gerais deste Programa será o atendimento das metas estipuladas na **Seção 3.0**.

Em relação às atividades de recomposição vegetal, será avaliado o desempenho de sua implantação por meio da qualidade dos resultados gerados, cujos padrões mínimos a serem monitorados serão detalhados nas diretrizes (**Anexo 1**).

Desse modo, os indicadores de resultado da implantação dos projetos de recomposição vegetal deverão demonstrar que todas as áreas contempladas atendem a padrões satisfatórios nos diferentes quesitos descritos a seguir:

- Área completamente cercada ou constatação de que o cercamento é desnecessário;
- Ausência de sinais de perturbação (fogo, pisoteio, deposição de lixo ou entulho, erosão, etc.) ou, quando existentes, não comprometem mais que 5% da área;
- Mortalidade das mudas plantadas menor que 10%;
- Menos de 10% das árvores desfolhadas por formigas;
- Ocorrência de mato-competição em menos que 10% da área das coroas das mudas;
- Mato-competição na entrelinha menor que 30% da área;
- Riqueza de espécies igual ou maior que 50 espécies.

8. Etapas / Prazos

Antes do início das atividades de recomposição da cobertura vegetal, deverão ser realizadas as seguintes atividades:

- Estruturação da equipe de gerenciamento do Programa;
- Definição da extensão (em hectares) da área a ser compensada, juntamente ao órgão ambiental.

As atividades que serão executadas ao longo Programa são:

- Busca e definição das áreas-alvo;
- Apresentação das áreas ao IBAMA para análise e aprovação;
- Obtenção das respectivas anuências dos proprietários/gestores para a implantação do Programa;
- Detalhamento dos projetos de recomposição vegetal com base nas características das áreas selecionadas, com a definição da necessidade de cercamento, tipo de descompactação do solo, quantidade de adubação, método de recomposição da vegetação, etc.;
- Elaboração do cronograma de compensação da flora;
- Definição de medidas necessárias para as terras que serão compradas ou averbadas;
- Contratação da equipe executora da recomposição da vegetação e do monitoramento;
- Aquisição dos materiais e insumos necessários.

- Proteção e preparo da área e do solo;
- Plantio de mudas ou de sementes ou das medidas para a condução da regeneração natural;
- Monitoramento e manutenção da recomposição da vegetação e orientação para os tratos culturais a serem adotados durante o desenvolvimento do plantio;
- Realização rotineira de ações de gerenciamento e supervisão das atividades durante todo o período de execução do Programa;
- Elaboração de relatórios semestrais;
- Elaboração de relatório conclusivo das ações de compensação.

O Programa terá início assim que forem emitidas pelo IBAMA a Licença de Instalação (LI) e a Autorização de Supressão de Vegetação e Intervenção em APP (ASV).

O monitoramento será realizado por 04 (quatro) anos consecutivos, em campanhas semestrais, podendo ser interrompido antes desse período, desde que recomendado pelo responsável e autorizado pelo IBAMA.

O cronograma do Programa de Reposição Florestal é apresentado a seguir. Cabe informar que a medida M.19.14 - Monitoramento dos Plantios nas Áreas Objeto de Reposição Florestal, do P.19, contempla as campanhas de monitoramento que extrapolam a fase construtiva.

LT CC ±800 KV XINGU / ESTREITO E INSTALAÇÕES ASSOCIADAS																																			
CRONOGRAMA DE IMPLANTAÇÃO																																			
Descrição	Ações Prévias	Ano 1												Ano 2												Ano 3									
		Mês																																	
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	Operação	
OBRAS ESTAÇÕES CONVERSORAS																																			
Implantação do canteiro de obras																																			
Operação do canteiro de obras																																			
Supressão de vegetação e limpeza da área																																			
Movimentação de Terra																																			
Fundações e Bases para Equip. e Edificações																																			
Edificações																																			
Sistema de Drenagem e Caixa Separadora																																			
Montagens Eletromecânicas																																			
Pavimentação																																			
Testes e Comissionamento																																			
Desmobilização do canteiro e limpeza geral																																			
OBRAS LT																																			
Implantação dos canteiros de obras																																			
Operação dos canteiros de obras																																			
Implantação de Acessos																																			
Supressão de vegetação e limpeza da Faixa de Servidão																																			
Fundações das Torres																																			
Montagem das Estruturas																																			
Lançamento dos Cabos																																			
Revisão Final, Testes e Comissionamento																																			
Desmobilização dos canteiros																																			
P.04 – Programa de Reposição Florestal																																			
Definição junto ao órgão ambiental da extensão (em hectares) da área a ser compensada																																			
Escolha das áreas, apresentação ao IBAMA e obtenção respectivas anuências para a implantação do programa																																			
Elaboração de projetos de recomposição vegetal com base nos dados apresentados																																			
Análise e aprovação dos projetos pelo IBAMA																																			
Execução dos plantios																																			
Monitoramento e manutenção das áreas de recomposição vegetal																																			
Relatórios Semestrais																																			

9. Relatórios

Todas as vistorias que compõem o monitoramento das atividades de recomposição da vegetação serão documentadas e as informações e registros posteriormente consolidados nos seguintes tipos de relatórios:

- Relatórios semestrais – Contemplarão todas as atividades do período abrangido e serão encaminhados ao IBAMA. Deverão conter, no mínimo: a descrição das atividades executadas, a medição dos indicadores de avaliação da execução do Programa, análise crítica dos resultados, comparação com dados de medições anteriores, principais problemas enfrentados, indicação de medidas de manutenção necessárias.
- Relatório de consolidação final - Será produzido ao final da implantação do Programa e destinado ao órgão ambiental. Nele, serão consolidadas as informações desde o início de implantação do Programa até a situação final das áreas-alvo, com avaliação do cumprimento dos objetivos, visando à obtenção da Licença de Operação do empreendimento.

10. Recursos Humanos e Materiais Necessários

A equipe de execução deste Programa deverá contar com um coordenador (biólogo, agrônomo ou engenheiro florestal) com ampla experiência em projetos de recomposição vegetal e/ou de recuperação de áreas degradadas, por todo o ciclo de implantação dos mesmos (planejamento, elaboração de projetos de recomposição vegetal, implantação e monitoramento). Esse profissional deverá envolver-se no Programa desde o seu início e poderá contar com apoio de auxiliares de campo nas atividades de monitoramento.

Os recursos materiais da equipe de gerenciamento incluem veículo, equipamentos e insumos para serviços de campo (supervisão) e para trabalhos em escritório. Os recursos para campo incluem:

- Veículo 4x4;
- Câmara fotográfica digital;
- Rádio e/ou telefone celular;
- GPS;
- Trena;
- Fichas de campo;
- Contador de fluxo manual (para contagem de mudas e taxas referente aos plantios);
- Equipamento de proteção individual (EPI);
- Computador;
- Telefone;
- Impressora/ copiadora;
- Software de uso geral;
- Software de geoprocessamento;
- Bases cartográficas das áreas contempladas recuperação da vegetação e APP.

11. Parcerias Recomendadas

Recomenda-se a realização de parcerias com secretarias de meio ambiente dos estados e municípios que serão interceptados pelo empreendimento, as quais poderão contribuir para a seleção de áreas-alvo deste programa.

12. Interface com outros Planos, Programas e Projetos

O Programa de Reposição Florestal tem relação com os seguintes programas e subprogramas ambientais previstos no PBA:

- P.03 – Programa de Recuperação de Áreas Degradadas (PRAD);
- P.07 – Programa de Comunicação Social Durante a Construção;
- P.13 - Programa de Conservação da Flora;
- P.15 - Programa de Conservação e Monitoramento da Fauna;
- P.17 – Plano de Compensação Ambiental;
- P.19 - Programa de Gestão Socioambiental da Operação.

13. Aplicabilidade do Programa

Componentes do Projeto	Aplicabilidade do Programa
LT CC ±800 kV Xingu / Estreito	x
Estação Conversora (EC) Xingu	x
Estação Conversora (EC) Estreito	
Eletrodos de Terra Xingu e Estreito	x
Linhas de Eletrodo	x
Estações Repetidoras de Telecomunicações	
Canteiros de Obras	x
Acessos	x

14. Bibliografia

DURIGAN, G.; MELO, A.C.G.; MAX, J.C.M.; VILAS BOAS, O.; CONTIERI, W.A.; RAMOS, V.S. **Manual para recuperação da vegetação de Cerrado**. Secretaria de Meio Ambiente, São Paulo, 2011. 26 p.

FELFILI, J.M.; RIBEIRO, J.F.; FAGG, C.W.; MACHADO, J.W.B. **Recuperação de matas de galeria**. EMBRAPA/Cerrados. Brasília, 2000. 45 p.

INSTITUTO DE BOTÂNICA. **Manual prático para recuperação de áreas degradadas e anais do "Seminário regional sobre recuperação de áreas degradadas: conservação e manejo de formações florestais litorâneas"**. Secretaria do Meio Ambiente. São Paulo, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mapa de Biomas do Brasil**. 1 Mapa. 3.ed. Escala 1:5.000.000. Rio de Janeiro, 2004a.

JGP CONSULTORIA E PARTICIPAÇÕES LTDA. **Estudo de Impacto Ambiental - EIA – Linha de Transmissão CC ±800 kV Xingu / Estreito e Instalações Associadas.** São Paulo (SP). Relatório Técnico, 2015. 2295p.

MALTA-FILHO, E. (Org.). **Plante as árvores do Xingu e Araguaia - Volume I. Manual do plantador.** Instituto Socioambiental – ISA. São Paulo, 2009.

MARTINELLI, G.; MORAES, M.A. (Org.). **Livro vermelho da flora do Brasil.** 1ª edição. Centro de Conservação Nacional da Flora – CNCFLORA. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. 1110 p.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Portaria N° 443 de 17 de dezembro de 2014, que reconhece como espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção aquelas constantes da "Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção"

REIS, A.; BECHARA, F.C.; ESPINDOLA, M.B.; VIEIRA, N.K.; SOUZA, L.P. Restauração de áreas degradadas: a nucleação como base para incrementar os processos sucessionais. **Natureza & Conservação**, v.1, n.1, p. 28-36. 2003.

RODRIGUES, R.R.; PEDRO HENRIQUE SANTIN BRANCALION, P.H.S.; ISERNHAGEN, I. (Orgs). **Pacto pela restauração da Mata Atlântica: referencial dos conceitos e ações de restauração florestal.** LERF/ESALQ, Instituto BioAtlântica, São Paulo, 2009. 256 p.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DO PARÁ. Resolução N° 54 de 24 de outubro de 2007, que homologa a Lista de Espécies da Flora e da Fauna Ameaçadas no Estado do Pará

Anexo 1 – Diretrizes para Elaboração dos Projetos de Recomposição Vegetal

Diretrizes para Elaboração dos Projetos de Recomposição Vegetal do Programa de Reposição Florestal da LT CC ± 800 kV Xingu / Estreito e Instalações Associadas

1.0

Introdução

O presente documento apresenta as diretrizes a serem seguidas na elaboração dos projetos específicos de recomposição da vegetação, os quais serão executados nas áreas definidas para a compensação dos impactos sobre a flora decorrentes da implantação da LT CC ± 800 kV Xingu / Estreito e Instalações Associadas.

2.0

Recomendações Gerais de Recomposição da Cobertura Vegetal Nativa

Os procedimentos de recomposição deverão ser compatibilizados com as características ambientais das áreas de intervenção e de seu entorno, incluindo-se aspectos edáficos, microclimáticos, bióticos e antrópicos. A sucessão ecológica deverá ser considerada como estratégia de recuperação por meio da utilização de espécies de diferentes grupos ecológicos (pioneiras e não pioneiras), visando à recuperação do solo, ao sombreamento e alteração do microclima, à diversidade de espécies e de formas de vida, ao restabelecimento de processos ecológicos, entre outros. Para isso, serão levados em conta aspectos como: escolha e combinação de espécies, utilização de espécies ameaçadas de extinção, origem e qualidade das mudas e atividades de manejo.

O detalhamento desses procedimentos permitirá a execução do projeto por especialistas. No entanto, ressalta-se que o sucesso das medidas prescritas depende do envolvimento do empreendedor, da qualidade dos serviços prestados e da excelência do material vegetal utilizado.

A implantação do projeto deverá ser realizada respeitando-se as épocas apropriadas para as operações de implantação e manutenção, com base em dados climáticos levantados anteriormente. O preparo do terreno, incluindo atividades que envolvam movimentação de solo (construção de terraços e mecanismos de controle de escoamento, regularização do terreno, acessos, etc.), deverá ser realizado preferencialmente durante o período seco. Já as atividades relacionadas com o plantio das mudas (preparo das covas, adubação etc.) e semeadura deverão ser realizadas somente com o início do período chuvoso.

Caso haja atividade pecuária no entorno da área de intervenção, deverá ser avaliada a necessidade de isolamento das pastagens por meio de cercas, impedindo o acesso do gado. Essa medida visa a reduzir eventual depredação das mudas pelo gado. Da mesma forma, deverá ser considerada a necessidade de construção de aceiros contra o fogo, já que é comum a prática de renovação de pastagens com o uso do fogo.

Será realizada a caracterização dos solos de todas as áreas-alvo do programa, preferencialmente por meio de análise químico-física, a fim de definir a necessidade de adubação e o manejo que será adotado. A compactação do solo deverá ser avaliada para verificar a necessidade da realização de uma descompactação mecânica na área total ou se apenas nas covas de plantio de mudas ou sementes, assim como outras medidas de conservação do solo.

Antes do plantio ou da condução da regeneração natural, deverá ser realizado o controle de espécies infestantes que possam competir em espaço e nutrientes, o que possibilitará também uma melhor avaliação das condições do solo. O controle de espécies infestantes deverá ser realizado ao longo de todo o programa, com o cuidado para preservar as eventuais plântulas de regeneração natural, provenientes de propágulos de exemplares arbóreos próximos ou de fragmentos florestais adjacentes.

Os projetos específicos de recomposição vegetal deverão contar com cronograma de atividades, cuja elaboração deverá considerar a compatibilização das variáveis climáticas regionais, disponibilidade de insumos, maquinários e mão de obra.

3.0

Conteúdo Mínimo dos Projetos de Recomposição Vegetal

Nos projetos específicos de recomposição vegetal, deverá constar a caracterização das áreas de intervenção para auxiliar na definição das intervenções necessárias. Cada uma das áreas deverá ser avaliada individualmente para que sejam traçadas as estratégias e escolhidos os métodos mais adequados de recomposição. Isso contribuirá para a padronização do conteúdo dos projetos específicos, o que permitirá acompanhar o cumprimento dos objetivos e metas do programa.

Desse modo, as seguintes etapas deverão constar de maneira clara nos projetos específicos de recomposição da cobertura vegetal nativa:

- Mapa de localização das áreas-alvo;
- Coordenadas das áreas e representação em imagem de satélite com sua delimitação;
- Indicação dos critérios que levaram à seleção das áreas;
- Caracterização ambiental das áreas e de seu entorno, incluindo seu histórico, aspectos físicos, bióticos e antrópicos, além de documentação fotográfica;
- Intervenções prévias necessárias (cercamento, construção de aceiros, descompactação do solo, correção de erosões, adição de camada orgânica, etc.);
- Preparo do solo (sulcagem, gradagem, aragem, calagem, abertura de covas, adubação, etc.) e demais atividades necessárias para o plantio (roçada, roçada seletiva, coroamento, etc.) ou a condução da regeneração natural (enriquecimento por semeadura ou plantio de mudas);
- Métodos de recomposição escolhidos e seu detalhamento (espaçamento do plantio, lista das espécies a serem utilizadas, proporção das espécies, etc.);
- Atividades de manutenção das áreas (irrigação, coroamento, roçada periódica, adubação, podas de condução, controle de formigas, replantio de mudas em áreas

com alta mortalidade, etc.);

- Cronograma de implantação das atividades previstas no projeto.

3.1

Caracterização Ambiental das Áreas

Tendo em vista que as áreas-alvo do programa ainda não foram definidas, o levantamento das características descritas abaixo é de extrema importância para o planejamento e a definição da metodologia de recomposição da vegetação a ser adotada.

Cobertura vegetal atual na área selecionada e no entorno

O uso do solo e a cobertura vegetal atual na área selecionada e em seu entorno é fundamental para a definição do método de recomposição vegetal. Basicamente, nos locais em que a regeneração da vegetação já se encontrar em andamento, as intervenções poderão consistir apenas no enriquecimento da mesma, inclusive com técnicas de nucleação (transposição de solo, poleiros artificiais e transposição de galharia).

Ademais, a regeneração natural é facilitada em áreas onde há fragmentos de vegetação no entorno, os quais constituem fonte de propágulos. Áreas com entorno constituído por pastagens requerem intervenções mais intensas, como o plantio de mudas ou semeadura mecanizada, além da avaliação da necessidade de construção de cercas e aceiros contra o fogo.

Aceiros são áreas sem cobertura vegetal que evitam a propagação do incêndio que funcionam como barreiras contra o fogo. Ao longo de todas as áreas destinadas a este programa, deverão ser construídos aceiros ao longo de áreas lindeiras, exceto nos casos em que haja conexão com outros fragmentos de vegetação nativa ou próximo de cursos d'água. Os aceiros deverão ter no mínimo de 5 m de largura e sua manutenção deverá ser constante e intensificada nos períodos de seca.

Histórico de degradação

O histórico de degradação do solo é importante para definir as ações necessárias para dar condições ao início da recomposição da vegetação nas áreas (plantio ou condução da regeneração natural). Podem existir problemas de compactação do solo acarretados pela atividade pecuária (atividade mecânica de pisoteamento por parte dos animais); remoção da camada orgânica do solo nas áreas de jazidas; a perda do horizonte orgânico em função da queima como manejo de pastagens; instalação de processos erosivos nas áreas mais dissecadas e desprovidas de florestas; e assoreamento dos cursos d'água com consequente lavagem do horizonte orgânico e desestruturação do solo.

Características do solo

Deverá ser realizada uma análise físico-química completa do solo, cujos resultados embasarão a determinação dos tratamentos agronômicos do solo necessários (adubação,

calagem, entre outros). Para os casos de solos com camada orgânica deficiente, deverão ser adotadas medidas de recuperação dessas áreas, com o plantio de adubo verde como o feijão-guandu (*Cajanus cajans*) e a crotalária (*Crotalaria* sp.) ou pela incorporação de substrato orgânico ao solo, por meio da deposição desse material no solo e posterior gradagem da área, para misturar o material com a camada de solo superficial.

Destacam-se as antigas áreas de mineração, que necessitam intenso trabalho de reconformação do terreno, estabilização hidrodinâmica, adição de camada orgânica de solo para dar condições à recuperação da vegetação. No caso de constatação de áreas com solo compactado, deverão ser tomadas medidas de descompactação de solo, como a subsolagem ou a aragem da área.

Declividade

O relevo é aspecto de grande importância para a definição da necessidade de ações preventivas de conservação do solo (curvas de nível ou terraços, bacias de contenção, etc.) e possíveis restrições de técnicas de manejo do solo (tradicional ou manejo mínimo).

As condições do relevo deverão ser consideradas na adoção das metodologias a serem utilizadas para a recomposição vegetal da área. Áreas com relevo acidentado apresentam, de modo geral, maior lixiviação do solo e menor resiliência, sendo recomendado para essas áreas o plantio em área total, devendo-se ainda respeitar as curvas de níveis e, dependendo da condição, a manutenção da vegetação herbácea na entrelinha de plantio. Já para áreas com relevos mais planos, deverão ser levantadas todas as demais condições aqui citadas para a escolha da metodologia a ser aplicada.

Clima

É importante considerar as variáveis climáticas regionais durante a determinação do cronograma de atividades (pluviosidade, temperatura e umidade), de modo a conciliá-las com os períodos mais propícios. Assim, deverão ser priorizadas no período chuvoso as atividades de plantio, replantio, manutenção e adubação. Já no período seco, deve-se priorizar o preparo do solo, a irrigação e a formação/manutenção de aceiros.

As demais atividades de manutenção e tratos culturais independem do fator climático e deverão ser realizadas sempre que apontado pela equipe de supervisão ou pelo técnico responsável pela recomposição.

Insolação

Esse aspecto é importante na determinação das espécies a serem utilizadas e da direção das linhas de plantio conforme o movimento diário do sol (sentido leste-oeste), visto que a insolação é determinada pela orientação das vertentes, as quais variam conforme as condições topográficas do terreno.

No caso da recomposição de fisionomias florestais, antes da realização das atividades de plantio, deverão ser levantadas e delimitadas as áreas de maior incidência solar. Nessas áreas, será realizado o plantio de espécies não climáticas nas extremidades da área. Tal medida visa à propiciação de sombreamento para espécies de estágios sucessionais mais tardios pelas as espécies mais adaptadas à insolação (espécies de primeira ocupação). A **Figura 3.1.a** apresenta um esquema de distribuição de mudas em áreas com maior insolação.

Figura 3.1.a

Esquema de distribuição de mudas em áreas com alta insolação

P	P	P	P	P	P	P
P	NP	P	NP	P	NP	P
P	P	NP	P	NP	P	NP
P	NP	P	NP	P	NP	P
P	P	NP	P	NP	P	NP

Legenda: P – Pioneira
 NP- Não Pioneira
 ┌─── - Borda/Limite do Plantio

Para a recomposição da vegetação de Savana, tal procedimento não é necessário, pois as árvores e arbustos do cerrado são exigentes em luz durante todo o ciclo de vida.

3.2

Intervenções Prévias e Preparo do Solo

Com base na caracterização ambiental das áreas onde será realizada a recomposição da vegetação, será possível definir as intervenções necessárias para a melhoria das condições de solo, estabilização do terreno, remoção de resíduos e entulhos (pré-existentes ou das obras).

Isolamento e proteção das áreas a serem recuperadas

A implantação do projeto deverá ser iniciada com a demarcação e o isolamento das áreas destinadas à recomposição vegetal com cercas de arame liso ou farpado, que evitem o acesso e o pastoreio pelo gado, caso haja esse risco. Essa medida visa à redução de eventual depredação das mudas pelo gado. Esse isolamento, no entanto, não poderá impedir o acesso do gado aos cursos d'água, devendo-se prever áreas de dessedentação. As cercas poderão ser construídas com mourões confeccionados com a madeira gerada pela supressão da vegetação para a implantação do empreendimento.

Também deverá ser providenciada a construção de aceiros na face da área de intervenção voltada para locais onde o fogo é comumente utilizado, como método de reforma de pastagens ou eliminação da vegetação nativa. Os aceiros deverão conter, no mínimo, 5 m de largura. Como forma de dificultar o avanço do fogo, poderão ser plantadas espécies vegetais que têm a capacidade de armazenar água ou resistentes ao fogo entre o aceiro e a área de intervenção. O empreendedor deverá manter uma brigada

de incêndio treinada para conter qualquer foco que coloque em risco as áreas-alvo deste programa.

Limpeza prévia e roçada seletiva

Essa atividade deverá ser realizada nas áreas de plantio e também poderá ser feita nas áreas de condução da regeneração natural quando identificadas situações em que as espécies infestantes estão impedindo o estabelecimento da vegetação nativa.

Antes do plantio, as áreas deverão ser limpas, removendo-se qualquer lixo, entulho e restos de obra que exista. Após essa limpeza, deverá ser realizado o controle das espécies exóticas infestantes ou nativas em desequilíbrio, que possam competir com as mudas a serem plantadas. Isso vale também para as áreas que terão a regeneração natural conduzida.

Após as medidas iniciais, as plantas já estabelecidas por regeneração natural deverão ser preservadas e preferencialmente tutoradas com bambu. Essa medida visa a acelerar a recomposição da vegetação. Assim, as equipes responsáveis pelo serviço de roçada deverão ser treinadas para identificar os indivíduos arbustivos e arbóreos regenerantes nativos.

Assim, após a identificação dos arbustos e jovens árvores, deverá ser realizada a roçada seletiva das áreas de intervenção, de maneira a desenraizar herbáceas infestantes que possam competir com as mudas que serão plantadas e regularizar o terreno para o plantio. Esse trabalho deverá ser feito por meio de capina com roçadeiras costais semimecanizadas ou trator com roçadeira. O material vegetal resultante deverá ser deixado na própria área de intervenção para decomposição e incorporação à camada orgânica do solo.

Preparo do solo

Nos locais onde o substrato estiver fortemente compactado, deverão ser realizados trabalhos de descompactação do horizonte superficial (20 a 30 cm) com a gradagem ou aragem do solo. Caso a compactação esteja menos intensa, poderá ser realizada a descompactação somente nas covas de plantio.

A calagem do solo deverá ser feita, no mínimo, 40 dias antes do plantio e da adubação, concomitante à descompactação do horizonte superficial. Porém, caso isso não seja cumprido, nas áreas de plantio de mudas, poderá ser realizada no momento de abertura e preparação das covas. A aplicação deverá ser feita a lanço em área total ou, nos casos em que isso não for possível, em cada cova de plantio. As quantidades de calcário somente deverão ser indicadas com base nos resultados das análises físico-química do solo. Usualmente, não se aplica mais que duas toneladas de calcário por hectare.

Algumas áreas de plantio podem requer trabalho mais intenso de recuperação do solo, como no caso de antigas áreas de mineração que exigem a reconformação do terreno, estabilização hidrodinâmica e adição de camada orgânica de solo para dar condições à

recomposição da vegetação.

Abertura e preparo das covas

No caso dos plantios de mudas, as covas deverão ter no mínimo 30 cm de diâmetro por 30 cm de profundidade. Em condições mais propícias, as dimensões da cova podem ser de até 60 cm de diâmetro por 60 cm de profundidade, como em locais onde o solo não seja muito raso, pedregoso ou seco.

As covas poderão ser abertas manualmente, com uso de ferramentas ou broca motorizada, ou com broca acoplada no trator. Depois de abertas, a quantidade de calcário calculada será misturada à terra retirada, caso não tenha sido realizada anteriormente, devendo-se fechá-la novamente sem compactar a terra. Deve-se fixar um tutor de bambu ou material semelhante junto à borda da cova. Em seguida, a área da cova deverá ser coberta com uma camada de composto orgânico ou serragem e ficará disponível para plantio tão logo sejam terminados os trabalhos de preparação no setor.

Adubação

A necessidade de adubação deverá ser determinada após as análises físico-químicas do solo das áreas alvo do programa. Ressalta-se que a adubação poderá ser química ou orgânica. As aplicações das adubações não devem coincidir com os períodos de intensas chuvas e nem quando os níveis de umidade do solo estiverem muito baixos.

A adubação poderá ser complementada com o plantio de espécies forrageiras nas entrelinhas das mudas (adubação verde) com crotalária ou feijão-guandu que, além de propiciar rápida cobertura e fertilização do solo, promove condições de sombreamento para as mudas do plantio.

3.3

Métodos de Recomposição Vegetal

As características ambientais das áreas alvo deste programa serão determinantes na definição do método de recomposição da vegetação, principalmente em relação à sua capacidade de resiliência, que está diretamente ligada à distância aos grandes remanescentes de vegetação nativa. A seguir, são descritos os métodos recomendados. Ressalta-se que também poderá ser adotado o consórcio entre esses métodos, visando ao melhor desenvolvimento e celeridade da recomposição da vegetação. Ademais, poderão ser utilizadas, de forma complementar, outras técnicas de nucleação visando ao incremento do processo sucessional, como transposição de solo, poleiros artificiais e transposição de galharia.

Método I: plantio de mudas de espécies nativas em área total

O plantio em área total deve ser empregado onde há predomínio de vegetação não arbórea e onde há necessidade de recobrimento rápido em sua totalidade, principalmente APP desprovidas de vegetação nativa e antigas áreas de mineração. O método de plantio

adotado deverá ser o reflorestamento heterogêneo de espécies nativas, com padrão de densidade de 1.667 mudas por hectare e espaçamento homogêneo aproximado de 3 m x 2 m entre as mudas para a recomposição de fisionomias florestais, que incluem as Florestas Ombrófilas, Floresta Estacional, Vegetação de Contato Floresta Ombrófila - Savana, Mata Ciliar/galeria e Savana Florestada. No caso das fisionomias de savânicas (Savana Arborizada e Savana Parque/Gramíneo-Lenhosa), o espaçamento será de 3 m x 3 m, com uma densidade média de 1.111 mudas por hectare.

Para as fisionomias florestais, haverá preferencialmente uma proporção entre espécies pioneiras (adaptadas ao crescimento a pleno sol) e não pioneiras (adaptadas ao crescimento em sombra) de 1:1 ou 50 % de cada, com a disposição das mudas seguindo o esquema apresentado a seguir, ou seja, cada muda de espécie pioneira deverá ser intercalada com uma muda de espécie não pioneira. Será tolerado o limite mínimo de 40 % para qualquer dos grupos. A lista proposta de espécies a serem utilizadas encontra-se no **Anexo 2**, a qual foi baseada nos resultados do levantamento florístico realizado no âmbito do EIA do empreendimento (JGP, 2015).

Esquema de plantio

P		NP		P		NP
	P		NP		P	
NP		P		NP		P
	NP		P		NP	
P		NP		P		NP
	P		NP		P	
NP		P		NP		P

Onde: P - Espécie Pioneira
NP - Espécie Não Pioneira

O crescimento das espécies pioneiras promoverá rapidamente proteção e sombreamento do solo, bem como alterações físico-químicas, favorecendo aquelas de desenvolvimento mais lento e mais exigentes em nutrientes. As seguintes exigências deverão ser cumpridas na seleção das espécies arbóreas nativas a serem utilizadas nos plantios das áreas a serem recuperadas:

- Mínimo de 80 de espécies arbóreas das formações vegetais de ocorrência regional;
- Mínimo de 5% do total das mudas implantadas de espécies ameaçadas de extinção levantadas no estudo, conforme a lista apresentada na **Tabela 3.3.a**;
- Mínimo 20% do total das mudas de espécies atrativas para a fauna;
- Nenhuma espécie pioneira deverá ultrapassar o limite máximo de 20% das mudas utilizadas no plantio;
- Nenhuma espécie não pioneira deverá ultrapassar o limite máximo de 10% das mudas utilizadas no plantio;
- Máximo de 10% das espécies implantadas pode ter menos de 12 indivíduos;
- Realização de replantio (substituição das mudas mortas por mudas vivas e saudáveis),

preferencialmente do mesmo estágio sucessional, sempre que a taxa de mortalidade atingir índices superiores a 5%.

A classificação sucessional das espécies não se aplica ao cerrado. Com exceção do cerradão (Savana Florestada), que abrigam algumas espécies que podem se desenvolver à sombra, as árvores e arbustos do cerrado são exigentes em luz durante todo o ciclo de vida e têm crescimento lento. Por isso, não há a preocupação de se plantarem espécies que forneçam sombra para as outras ou que cresçam muito rápido. Espécies que só ocorrem em cerrados abertos tendem a desaparecer com o tempo, se a vegetação se adensar.

Tabela 3.3.a
Espécies protegidas registradas na Área de Estudo pelo EIA do empreendimento

Família	Nome Científico	Autor	Nome Popular	Hábito	MMA	CITES	SEMA - PA	Biodiversitas - MG	IUCN				Registro EIA
									PA	TO	GO	MG	
Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i>	Schott	Gonçalo-alves, Gonçalves	árvore	-	-	-	-	-	-	-	-	TO, GO, MG
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Allemão	Aroeira	árvore	-	-	-	VU	-	-	-	-	TO
Arecaceae	<i>Attalea brasiliensis</i>	Glassman	Babaçu	erva	EN	-	-	-	-	-	-	-	MG
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i>	Mart.	Palmito-juçara	árvore	VU	-	-	VU	-	-	-	-	MG
Asteraceae	<i>Chresta sphaerocephala</i>	DC.	-	erva	-	-	-	VU	-	-	-	-	MG
Asteraceae	<i>Mikania argyreae</i>	DC.	-	liana	VU	-	-	-	-	-	-	-	MG
Bignoniaceae	<i>Jacaranda grandifoliolata</i>	A.H.Gentry	Caroba	árvore	EN	-	-	-	-	-	-	-	MG
Bignoniaceae	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	(Vell.) Bureau ex Verl.	Ipê-felpudo	árvore	VU	-	-	-	-	-	-	-	GO, MG
Burseraceae	<i>Protium giganteum</i>	Engl.	Breu, Breu-grande	árvore	VU	-	VU	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i>	(Aubl.) Marchand	Amescla, Almecega, Breu	árvore	-	-	VU	-	-	-	-	-	PA, TO
Cactaceae	<i>Epiphyllum phyllanthus</i>	(L.) Haw.	Rabo-de-arara	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	LC	PA, TO
Convolvulaceae	<i>Ipomoea campestris</i>	Meisn.	-	liana	-	-	-	EN	-	-	-	-	MG
Fabaceae	<i>Apuleia leiocarpa</i>	(Vogel) J.F.Macbr.	Barajuba, Mulateira	árvore	VU	-	-	-	-	-	-	-	PA, TO
Fabaceae	<i>Inga stipularis</i>	DC.	Inga-de-orelha	árvore	-	-	-	-	-	-	-	LC	PA
Fabaceae	<i>Vouacapoua americana</i>	Aubl.	Acapú	árvore	EN	-	-	-	VU	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Mezilaurus itauba</i>	(Meisn.) Taub. ex Mez	Itaúba	árvore	VU	-	VU	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Bertholletia excelsa</i>	Bonpl.	Castanha-do-Pará, Castanheira	árvore	VU	-	VU	-	VU	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i>	Vell.	Cedro-rosa, Cedro-vermelho	árvore	VU	Apêndice III	-	-	-	-	-	-	PA, MG

Tabela 3.3.a
Espécies protegidas registradas na Área de Estudo pelo EIA do empreendimento

Família	Nome Científico	Autor	Nome Popular	Hábito	MMA	CITES	SEMA - PA	Biodiversitas - MG	IUCN				Registro EIA
									PA	TO	GO	MG	
Meliaceae	<i>Swietenia macrophylla</i>	King	Mogno	árvore	VU	Apêndice II	VU	-	VU	VU	VU	-	PA
Orchidaceae	<i>Campylocentrum</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Catasetum</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Cattleya</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	PA
Orchidaceae	<i>Cattleya</i> sp.2	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	MG
Orchidaceae	<i>Cattleya</i> sp.3	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Cohniella cebolleta</i>	(Jacq.) Christenson	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Encyclia</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Heterotaxis superflua</i>	(Rchb.f.) F.Barros	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	PA
Orchidaceae	<i>Lophiaris nana</i>	(Lindl.) Braem	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Maxillaria</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Oncidium</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	PA
Orchidaceae	<i>Oncidium</i> sp.2	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	MG
Orchidaceae	<i>Scaphyglottis boliviensis</i>	(Rolfe) B.R.Adams	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	PA
Orchidaceae	<i>Scaphyglottis</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	TO
Orchidaceae	<i>Sobralia</i> sp.1	-	-	erva	-	Apêndice II	-	-	-	-	-	-	PA
Rutaceae	<i>Esenbeckia leiocarpa</i>	Engl.	Guarantã	árvore	-	-	-	-	-	-	VU	-	MG
Sapotaceae	<i>Pouteria vernicosa</i>	T.D.Penn.	Abiu	árvore	VU	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria virescens</i>	Baehni	Abiu	árvore	EN	-	-	-	-	-	-	-	PA

Fonte: JGP (2015)

Legenda: MMA = Portaria MMA N° 443/2014; CITES = www.cites.org; SEMA-PA = Resolução N° 54/2004 (para o Estado do Pará); Biodiversitas = www.biodiversitas.org (para o Estado de Minas Gerais); IUCN = www.iucnredlist.org; Registro EIA = estados onde houve registro das espécies nos levantamentos da flora do EIA; EN = em perigo; VU = vulnerável, LC = menor preocupação

Método II: plantio de mudas de espécies nativas em ilhas de diversidade (nucleação) na densidade de 600 mudas por hectare

Nas áreas que apresentem indícios de regeneração natural e situadas próximas a remanescentes de vegetação, poderá ser adotado um modelo de recomposição constituído por “ilhas” de plantio com alta diversidade de espécies arbóreas nativas espécies pioneiras e não pioneiras, as quais recobrirão cerca de 36% da área total a ser recuperada. Essa metodologia favorece a condução da regeneração natural da área, permitindo a dispersão de propágulos por meio da formação de poleiros e abrigos (ilhas) para a fauna. Além disso, promove a conservação da biodiversidade regional, visto que propicia o estabelecimento de propágulos provenientes dos fragmentos de vegetação nativa lindeiros do entorno.

Em cada hectare, deverão ser alocadas pelo menos quatro ilhas com área de 900 m² cada (30 m x 30 m), nas quais serão plantadas 150 mudas com espaçamento homogêneo entre mudas (2 m x 3 m), resultando em uma densidade de plantio de 1.667 mudas por hectare dentro das “ilhas” e 600 mudas por hectare na área total.

Essas ilhas deverão atrair a fauna silvestre, que atua como dispersora de propágulos e polinizadora, favorecendo o estabelecimento da regeneração de indivíduos nos espaços entre as mesmas, os quais deverão ser preservados durante as roçadas de manutenção.

As mesmas exigências quanto à diversidade das espécies arbóreas nativas utilizadas nos plantios do método I também serão exigidas neste método II. A lista proposta de espécies a serem utilizadas encontra-se no **Anexo 2**.

Método III: condução da regeneração natural, prevendo o enriquecimento com mudas ou sementeira

A condução da regeneração natural deverá ser realizada nas áreas de pastagens com pouca manutenção ou que possuem alto poder de resiliência por se encontrarem próximas a remanescentes de vegetação nativa, com a possibilidade de chegada de propágulos dispersos pelo vento ou, principalmente, pela fauna nativa. Essa metodologia é indicada para áreas onde já existe uma sucessão ecológica estabelecida, porém ainda com baixa diversidade de espécies, geralmente com espécies de estágio sucessional primário ou inicial.

Nessas áreas, podem ser necessárias intervenções mecânicas como a descompactação do solo, calagem, controle de espécies infestantes, além do isolamento por leiras, cercas e aceiros, e da adição de composto orgânico proveniente dos resíduos da supressão da vegetação.

As áreas onde for utilizado este método deverão ser frequentemente percorridas com o intuito de avaliar a necessidade de novas intervenções, como, por exemplo, um plantio ou sementeira de enriquecimento, ou até mesmo a alteração do método adotado, caso o processo de regeneração não esteja se estabelecendo satisfatoriamente. A lista proposta de espécies a serem utilizadas encontra-se no **Anexo 2**.

Nas áreas onde o processo de regeneração já se iniciou naturalmente e que qualquer intervenção possa significar a degradação da vegetação já em estabelecimento, apenas deverá ser assegurada sua integridade, com a continuidade do processo e a proteção contra incêndios e depredação por terceiros. Esses locais também deverão ser frequentemente percorridos com o objetivo de avaliar a necessidade de novas intervenções, como o enriquecimento.

Método IV: plantio mecanizado de sementes de espécies nativas em área total

Para o plantio mecanizado em área total, recomenda-se a técnica desenvolvida pelo Instituto Socioambiental – ISA na Bacia do Rio Xingu no âmbito da “Campanha Y Ikatu Xingu”. Este método consiste no aproveitamento do maquinário agrícola (plantadeiras, lançadeiras, adubadeiras, etc.), comumente existente nas propriedades rurais, para efetuar a semeadura mecanizada de espécies arbóreas nativas em terreno com solo previamente preparado (arado ou gradeado). Sua vantagem consiste na grande rapidez de recobrimento do solo, possibilidade de mecanização do plantio, baixa manutenção e baixo custo. É recomendada para áreas planas, com facilidade de movimentação de maquinário para sua implantação.

Utiliza-se a maior diversidade possível de sementes de espécies arbóreas nativas, que poderão ser originadas do resgate de germoplasma do empreendimento ou adquiridas de terceiros. São adicionadas terra e outras sementes de espécies arbustivas forrageiras, herbáceas, adubos verdes (feijão-guandu, crotalária, etc.) e até mesmo espécies comestíveis agrícolas (milho, feijão, abóbora, melancia, etc.) para promover um rápido recobrimento e sombreamento do solo, formando um microclima mais ameno e propício ao desenvolvimento das mudas de espécies arbóreas. A mistura dessas espécies foi denominada pelo ISA de “muvuca de sementes”. Após o plantio, é indicado que o solo seja recoberto com folhas e galhos.

É recomendado que seja utilizado entre 30 a 100 sementes por metro quadrado de área de intervenção. Para melhorar a porcentagem de germinação, deve ser feita a quebra de dormência ou latência das sementes. As mesmas exigências quanto à diversidade das espécies arbóreas nativas utilizadas no método I e II serão exigidas neste método IV.

Maiores detalhes podem ser encontrados no guia “Coleção plante as árvores do Xingu e Araguaia: manual do plantador – volume I” do ISA (MALTA-FILHO, 2009). A lista proposta de espécies a serem utilizadas encontra-se no **Anexo 2**.

Técnicas Complementares de Nucleação

As técnicas nucleadoras apresentadas a seguir seguem a metodologia preconizada por REIS *et al.* (2003).

Transposição de solo

Essa técnica consiste na deposição da camada superficial do horizonte orgânico do solo (serrapilheira mais os primeiros 5 cm de solo) na área a ser recuperada, proveniente de

uma área com sucessão mais avançada, como as áreas de supressão da vegetação. O objetivo é a restauração do solo, um componente de grande importância nos ecossistemas. Com essa técnica, são reintroduzidas populações de diversas espécies da micro, meso e macro fauna e flora do solo, importantes na ciclagem de nutrientes, reestruturação e fertilização do solo. Quando o novo banco de sementes é disposto na área degradada, grande parte das sementes de espécies pioneiras que originalmente estavam enterradas no solo ficam na superfície e tendem a germinar.

Poleiros artificiais

A instalação de poleiros artificiais em áreas abertas propicia pontos de descanso e abrigo para aves e morcegos dispersores de sementes. Dessa forma, são formados núcleos de diversidade ao redor dos poleiros que, com o tempo, irradiam-se pela área degradada. Aves e morcegos são os animais mais efetivos na dispersão de sementes, principalmente quando se trata de transporte entre fragmentos de vegetação. Assim, com o incremento na deposição de sementes por esses animais, acelera-se a sucessão inicial, aumentando assim a diversidade de espécies.

Os poleiros secos podem ser feitos de varas de bambu, nas quais são deixadas ramificações laterais superiores. Recomenda-se colocar sob os poleiros uma camada de palhada para manter a umidade do solo e matéria orgânica para nutrir as plântulas emergidas ao redor do poleiro. Outros tipos de poleiros artificiais são: o poleiro vivo, torre de cipó e poleiro de cabo aéreo.

Transposição de galharia

Consiste na deposição de leiras de galharia, gerada nas áreas de supressão da vegetação, na área a ser recuperada, visando à incorporação de matéria orgânica no solo e propiciando a germinação de sementes aderidas à galharia. Além disso, as leiras criam abrigos com microclima adequado a diversos animais, como roedores, cobras e avifauna. Assim, atuam como núcleos colonizadores que irradiam diversidade nas áreas degradadas.

3.4

Aspectos Relacionados à Implantação e Manutenção das Áreas

Sementes

As sementes utilizadas no enriquecimento da vegetação ou no plantio mecanizado de sementes podem ser adquiridas de viveiros, preferencialmente locais ou regionais, ou ainda, se possível provenientes do resgate de germoplasma a ser realizado nas áreas de supressão para a implantação do empreendimento. Independentemente de sua origem, deverão ser armazenadas adequadamente até o seu uso e estar em bom estado e devidamente tratadas contra pragas e doenças.

Viveiro de mudas

O empreendedor contratará serviços de viveiros existentes próximos às áreas de recuperação, que produzam mudas de acordo com a fisionomia a ser recuperada, com espécies indicadas no **Anexo 2**. Os viveiros deverão apresentar cadastro no Registro Nacional de Sementes e Mudas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (RENASEM/MAPA).

Plantio das mudas

As mudas deverão ser plantadas de acordo com a proporção e a densidade de plantio previsto no projeto. Após a abertura das covas, os lotes de mudas previamente arrumadas em travessas de acordo com a mixagem especificada, evitando-se que não ocorram duas mudas da mesma espécie lado a lado, deverão ser levados a campo para o plantio propriamente dito.

O plantio deverá observar às condições meteorológicas da época em que for realizado, devendo ocorrer preferencialmente durante ou imediatamente após os dias chuvosos, admitindo-se a solução técnica da irrigação quando houver necessidade.

No ato do plantio, deverá ser retirada a embalagem (saquinho ou tubete) que envolve a muda, procurando-se evitar o destorroamento ou que a muda fique com a raiz exposta. Caso as raízes tenham crescido demais dentro do vasilhame e se enrolado ao redor do torrão, elas deverão ser podadas rentes a este, o que proporcionará um melhor desenvolvimento estrutural da muda. Se o enovelamento for frequente nos lotes de mudas, esses lotes deverão ser trocados por outros de mudas menores, tendo em vista que o enovelamento das raízes prejudica o desenvolvimento das mudas.

Preparada, a muda deverá ser colocada na cova sobre uma pequena porção de terra já misturada ao adubo químico. Em seguida, deverá ser adicionada terra ao redor da mesma, tomando-se o cuidado para que a muda fique firme na cova. O colo da muda, ao final do plantio, deverá estar rente à superfície do solo, ficando o torrão original da muda coberto com uma pequena camada de terra.

O excesso da terra retirado da cova, agora ocupada com a muda, deverá ser espalhado num raio de aproximadamente 30 cm formando uma bacia e propiciando, assim, o maior armazenamento das águas das chuvas.

O tutoramento das mudas deverá ser efetuado com estacas de bambu de cerca de 1,5 m de comprimento, dos quais 50 cm devem ser fincados no terreno para evitar quebra do tronco ou mau desenvolvimento causados pelo vento ou chuvas intensas, além de uma melhor visualização das mudas nos trabalhos de roçada. A amarração da muda ao tutor deverá ser feita com fios de sisal, em forma de um “oito”.

Durante os dois primeiros anos após o plantio, poderá ser realizada poda de formação nas mudas, isto é, deverão ser podados os brotos ladrões e os galhos exageradamente alongados, de forma a direcionar o desenvolvimento estrutural da parte aérea e diminuir

a perda de água por transpiração, até que as raízes garantam a absorção ideal.

Plantio mecanizado de sementes

A semeadura de espécies arbóreas e arbustivas deverá ser realizada somente após o preparo do solo e mistura correta da “muvuca de sementes”, seguindo as recomendações do Instituto Socioambiental – ISA (MALTA-FILHO, 2009).

Recobrimento com composto orgânico

Após o plantio das mudas, poderá ser adicionada uma camada de composto orgânico ou serragem curtida de 5 a 10 cm de espessura em cada coroa de muda. Essa camada permitirá uma regulação da temperatura e da umidade do solo na coroa da muda, além de fornecer nutrientes durante a sua decomposição, estimulando seu crescimento. O composto orgânico utilizado poderá ser originário do material lenhoso decomposto ou da picotagem dos resíduos vegetais provenientes da supressão da vegetação para a implantação do empreendimento.

Posteriormente, o material vegetal proveniente das capinas para controle das espécies infestantes deverá ser disposto sobre o terreno e as coroas das mudas.

Irrigação

Após o plantio das mudas ou sementes, dependendo das condições climáticas, deve ser avaliada a necessidade de irrigação das áreas em recuperação, de modo a evitar a mortalidade excessiva nos plantios. Poderão ser utilizados tratores com tanque, caminhões-pipa ou mesmo moto-bombas para fazer a irrigação.

Alternativamente, poderá ser utilizado hidrogel, o qual retém a umidade ao redor das mudas por um tempo maior, de forma que as mesmas sejam menos afetadas em períodos de estiagem, evitando ou diminuindo assim a necessidade de regas.

Controle de formigas cortadeiras

Deverá ser realizado um plano de monitoramento da população de formigas e, eventualmente, caso necessário, um controle por meio da utilização de iscas granuladas, com certificação da ANVISA.

Esse plano de controle deverá abranger todas as áreas em recuperação e olheiros localizados no entorno, tendo início pelo menos dois meses antes do plantio das mudas, estendendo-se, inicialmente, até o quarto ano após o plantio, quando as mudas já terão porte suficiente para suportar eventuais desfolhamentos.

Monitoramento e manutenção do plantio

As atividades de monitoramento deverão ocorrer por quatro anos, no intuito de verificar as condições do plantio e observar a necessidade de eventuais tratamentos culturais. A

periodicidade do monitoramento será a seguinte:

- Quinzenal até o 2º mês;
- Mensal até o 6º mês;
- Trimestral até o 12º mês;
- Semestral até o fim do período de monitoramento, estimado inicialmente em 04 (quatro) anos.

O monitoramento deverá se atentar para aspectos como:

- Adequação do cercamento e aceiros;
- Presença de sinais de perturbação antrópica (fogo, pisoteio, deposição de entulho, etc.);
- Estabilidade do terreno e processos erosivos;
- Estado fitossanitário das mudas, considerando ataques de formigas e outros insetos e sinais de deficiência nutricional;
- Ocorrência de mato-competição nas coroas das mudas e entrelinhas;
- Presença de espécies invasoras ou infestantes;
- Presença de indivíduos nativos regenerantes;
- Mortalidade das mudas;
- Crescimento das mudas;
- Riqueza de espécies;
- Desenvolvimento geral das áreas.

As observações feitas durante as vistorias de monitoramento deverão embasar recomendações de atividades de manutenção, tais como:

- Manutenção das cercas e aceiros;
- Medidas para estabilidade do terreno e correção de processos erosivos;
- Controle de formigas e outros insetos infestantes;
- Calagem, adubação química ou adubação verde;
- Capina e coroamento;
- Controle de espécies invasoras ou infestantes;
- Tutoramento de indivíduos nativos regenerantes;
- Replanteio;
- Enriquecimento por semeadura ou plantio de mudas, considerando os grupos ecológicos.

Durante o período de implantação dos procedimentos de recomposição vegetal, poderão ocorrer situações não previstas que exijam a sua modificação. Caberá à equipe de supervisão técnica a identificação oportuna de tais necessidades, agindo junto aos responsáveis pela execução dos trabalhos, para que os mesmos sejam devidamente realizados.

Caso a taxa de mortalidade em determinada área ou espécie ultrapasse 10% nos primeiros 60 dias após o plantio, deverá ser feita a avaliação das causas dessa

mortalidade, seguida de correção, se possível, dos fatores que levaram a tal mortalidade. Recomenda-se que sejam registradas as espécies que estiverem apresentando melhor crescimento nos plantios, para priorizá-las no replantio quando da substituição dos indivíduos mortos.

Deverão ser realizados capinas e coroamentos sempre que ocorrer infestação das áreas trabalhadas por gramíneas ou outras espécies daninhas, com cuidado redobrado para não atingir as mudas plantadas ou indivíduos regenerantes. Como já descrito, o material vegetal proveniente das capinas deverá ser disposto no terreno e nas coroas das mudas. As entrelinhas deverão ser mantidas vegetadas e baixas. Depois que os locais se tornarem mais sombreados, a infestação por essas espécies tende a diminuir.

Caso o desenvolvimento da cobertura vegetal esteja lento, com progressos pouco visíveis no sombreamento do solo, poderá ser feito um enriquecimento com espécies pioneiras visando acelerar o processo de formação de um dossel, favorecendo também o controle do capim infestante.

Nas áreas onde será realizada a condução da regeneração da vegetação e semeadura, deverá ser avaliada a necessidade de intervenções como, por exemplo, um plantio de enriquecimento ou até mesmo a alteração do método adotado, caso o processo recuperação da vegetação não esteja se estabelecendo devidamente.

**Anexo 2 – Lista de Espécies Arbóreas Nativas Propostas para a
Recomposição Vegetal**

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Achariaceae	<i>Lindackeria paludosa</i>	(Benth.) Gilg	Envira-da-várzea	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Achariaceae	<i>Lindackeria paraensis</i>	Kuhl.	Farinha-seca	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i>	W.Hancock ex Engl.	Caju-da-mata	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i>	L.	Cajú, Cajueiro	-	-	-	-	X	X	X	X	TO/GO
Anacardiaceae	<i>Anacardium parvifolium</i>	Ducke	Cajuí	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i>	Schott	Gonçalo-alves, Gonçaleiro	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO/MG
Anacardiaceae	<i>Astronium graveolens</i>	Jacq.	Guarítá, Gibatão, Aderno, Gonçalo-alves	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Anacardiaceae	<i>Astronium lecointei</i>	Ducke	Muiracatiara-rajada, Maracatiara, Guarítá, Gonçaleiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Anacardiaceae	<i>Lithrea molleoides</i>	(Vell.) Engl.	Bugreiro	-	-	-	X	-	X	X	-	GO/MG
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Allemão	Aroeira	-	-	-	X	-	X	X	X	TO
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i>	L.	Taperebá, Cajá	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i>	Aubl.	Tatapiririca, Pau-pombo, Fruta-de-pombo, Embiratã	X	X	X	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Anacardiaceae	<i>Tapirira obtusa</i>	(Benth.) J.D.Mitch.	Pau-pombo	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Anacardiaceae	<i>Thyrsodium spruceanum</i>	Benth.	Mututurana, Breu-de-leite	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Anisophylleaceae	<i>Anisophyllea manausensis</i>	Pires & W.A.Rodrigues	Maria-pretarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Anaxagorea brevipes</i>	Benth.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Annona ambotay</i>	Aubl.	Envira-cajú, Envirataia	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Annona coriacea</i>	Mart.	Araticum-do-campo, Bruto	-	-	-	-	-	-	X	-	TO/GO
Annonaceae	<i>Annona crassiflora</i>	Mart.	Marolo	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO/MG
Annonaceae	<i>Annona exsucca</i>	DC.	-	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Annona insignis</i>	R.E.Fr.	-	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Annona montana</i>	Macfad.	Araticum	X	-	-	-	X	-	-	-	PA/GO
Annonaceae	<i>Annona neoinsignis</i>	H.Rainer	-	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Bocageopsis multiflora</i>	(Mart.) R.E.Fr.	Envira-preta, Envira-surucucu-folha-miúda	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Cardiopetalum calophyllum</i>	Schltl.	Pindaíba	-	-	-	X	-	-	X	-	TO/GO
Annonaceae	<i>Duguetia flagellaris</i>	Huber	Ameju-preto, Caniceiro-preto	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Duguetia marcgraviana</i>	Mart.	-	-	-	-	-	X	X	-	-	TO
Annonaceae	<i>Duguetia quitarensis</i>	Benth.	Ameju	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Duguetia surinamensis</i>	R.E.Fr.	Araticum, Envira-surucucu	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Ephedranthus amazonicus</i>	R.E.Fr.	-	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Fusaea longifolia</i>	(Aubl.) Saff.	Araticum, Envira, Biribá, Envira-preta, Envira-surucucu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Guatteria citriodora</i>	Ducke	Envira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Guatteria foliosa</i>	Benth.	Envireira, Envira-bobó	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Guatteria olivacea</i>	R.E.Fr.	Envira-cajú, Embira-preta, Envira-bobó, Envira-fofa	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Guatteria poeppigiana</i>	Mart.	Envira-preta	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Guatteria procera</i>	R.E.Fr.	Envira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Guatteria sellowiana</i>	Schltl.	Pindaíba	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Annonaceae	<i>Pseudoxandra leiophylla</i>	(Diels) R.E.Fr.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Unonopsis duckei</i>	R.E.Fr.	Envira-preta, Envira-surucucu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Unonopsis guatterioides</i>	(A.DC.) R.E.Fr.	Envira	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Xylopiya amazonica</i>	R.E.Fr.	Envira-sarassará, Envireira-vermelha	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Xylopiya aromatica</i>	(Lam.) Mart.	Imbiriba, Pimenta-de-macaco, Pindaíba, Embireira	X	X	-	X	X	X	X	X	PA/TO/GO/MG
Annonaceae	<i>Xylopiya benthamii</i>	R.E.Fr.	Pimenta-de-macaco, Embiriba, Envira-amarela	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Xylopiya brasiliensis</i>	Spreng.	Pau-de-mastro, Pindaíba-de-folha-pequena, Pindaíba	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Annonaceae	<i>Xylopiya calophylla</i>	R.E.Fr.	Envira-vassourinha, Envira-fofa	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Xylopiya crinita</i>	R.E.Fr.	Imbiribeira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Xylopiya nitida</i>	Dunal	Envira-vermelha	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Annonaceae	<i>Xylopiya sericea</i>	A.St.-Hil.	Imbiribeira	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Apocynaceae	<i>Allamanda angustifolia</i>	Pohl	Alamanda	-	-	-	-	-	-	-	X	MG
Apocynaceae	<i>Aspidosperma australe</i>	Müll.Arg.	Guatambu	-	-	-	-	-	-	X	-	GO
Apocynaceae	<i>Aspidosperma cuspa</i>	(Kunth) Blake	Guatambu-branco	-	-	-	-	-	X	X	-	GO
Apocynaceae	<i>Aspidosperma excelsum</i>	Benth.	Carapanaúba	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Aspidosperma macrocarpon</i>	Mart.	Peroba, Peroba-mica, Peroba-rosa, Guatambu	-	-	-	X	X	X	X	X	GO/MG

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Apocynaceae	<i>Aspidosperma parvifolium</i>	A.DC.	Guatambu	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Apocynaceae	<i>Aspidosperma rigidum</i>	Rusby	Araracanga	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Aspidosperma subincanum</i>	Mart.	Guatambu	-	-	-	-	-	-	X	-	GO
Apocynaceae	<i>Aspidosperma tomentosum</i>	Mart.	Peroba-do-cerrado	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO/MG
Apocynaceae	<i>Couma guianensis</i>	Aubl.	Sorvão, Sorva	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Couma utilis</i>	(Mart.) Müll.Arg.	Sorva	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Geissospermum argenteum</i>	Woodson	Acariquara-branca	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Geissospermum sericeum</i>	Miers	Quina-rana, Quinaquina, Aquaricara-branca	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Geissospermum urceolatum</i>	A.H.Gentry	Quinarana	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i>	Gomes	Mangaba	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Apocynaceae	<i>Himatanthus aff. articulatus</i>	(Vahl) Woodson	Sucuuba	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Apocynaceae	<i>Himatanthus articulatus</i>	(Vahl) Woodson	Imatantos	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Himatanthus obovatus</i>	(Müll. Arg.) Woodson	Janaúba	-	-	-	-	-	X	X	-	TO/GO/MG
Apocynaceae	<i>Lacmellea arborescens</i>	(Müll.Arg.) Markgr.	Amapá-doce	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Parahancornia fasciculata</i>	(Poir.) Benoist	Amapá, Amapá-amargoso	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana muricata</i>	Link ex Roem. & Schult.	Jasmim	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana undulata</i>	Vahl	Pau-de-colher	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Araliaceae	<i>Dendropanax cuneatus</i>	(DC.) Decne. & Planch.	Pau-de-tamanco	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Araliaceae	<i>Schefflera burchellii</i>	(Seem.) Frodin & Fiaschi	-	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Araliaceae	<i>Schefflera macrocarpa</i>	(Cham. & Schltdl.) Frodin	Mandiocão	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Araliaceae	<i>Schefflera morototoni</i>	(Aubl.) Maguire et al.	Morototó, Mandiocão	X	X	X	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i>	(Jacq.) Lodd. ex Mart.	Palmeira, Macaúba, Côco-de-catarro, Bocaiuva	-	-	-	X	-	X	-	-	TO/GO/MG
Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i>	G.Mey.	Tucumã	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Astrocaryum murumuru</i>	Mart.	Murumuru	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Astrocaryum vulgare</i>	Mart.	Tucum-bravo	-	-	-	-	X	X	X	-	TO
Arecaceae	<i>Attalea maripa</i>	(Aubl.) Mart.	Inajá	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i>	Mart. ex Spreng.	Acuri	X	-	-	-	X	-	-	-	PA/TO
Arecaceae	<i>Attalea speciosa</i>	Mart. ex Spreng.	Babaçu	X	X	-	X	-	-	-	-	PA/TO
Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i>	Mart.	Palmito-juçara	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i>	Mart.	Açaí, Açaí-do-pará	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i>	Mart.	Açaí	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i>	L.f.	Buriti	-	-	-	-	X	-	X	-	TO/MG
Arecaceae	<i>Oenocarpus bacaba</i>	Mart.	Bacaba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Oenocarpus distichus</i>	Mart.	Bacaba	X	X	X	-	X	-	-	-	PA/TO
Arecaceae	<i>Socratea exorrhiza</i>	(Mart.) H.Wendl.	Paxiúba, Castiçal	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Syagrus cocoides</i>	Mart.	Patí, Pupunha-brava	-	-	-	X	X	X	X	-	TO
Arecaceae	<i>Syagrus comosa</i>	(Mart.) Mart.	Catolé, Gariroba-do-campo, Babão	-	-	-	-	-	X	X	X	TO
Arecaceae	<i>Syagrus inajai</i>	(Spruce) Becc.	Pinduí, Inajaím, Pupunha-brava	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i>	(Mart.) Becc.	Guabirola, Pati-amargoso	X	X	-	-	-	X	X	-	PA/MG
Asteraceae	<i>Eremanthus glomerulatus</i>	Less.	Candeia	-	-	-	-	-	X	X	-	GO/MG
Asteraceae	<i>Moquiniastrum polymorphum</i>	(Less.) G. Sancho	Cambará	-	-	-	-	-	X	X	-	GO/MG
Asteraceae	<i>Piptocarpha macropoda</i>	(DC.) Baker	Vassoura-preta	-	-	-	-	X	X	X	-	GO
Asteraceae	<i>Piptocarpha rotundifolia</i>	(Less.) Baker	Coração-de-negro	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Asteraceae	<i>Vernonanthura ferruginea</i>	(Less.) H.Rob.	-	-	-	-	-	-	-	X	X	MG
Bignoniaceae	<i>Cybistax antisiphilitica</i>	(Mart.) Mart.	Ipê-verde	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	(Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-rosa	-	-	-	X	X	-	-	-	TO
Bignoniaceae	<i>Handroanthus ochraceus</i>	(Cham.) Mattos	Ipê-amarelo	-	-	-	X	-	X	X	-	TO/GO/MG
Bignoniaceae	<i>Handroanthus serratifolius</i>	(A.H.Gentry) S.Grose	Ipê	X	-	X	-	X	X	X	-	PA/TO
Bignoniaceae	<i>Jacaranda brasiliiana</i>	(Lam.) Pers.	Caroba	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Bignoniaceae	<i>Jacaranda caroba</i>	(Vell.) DC.	Caroba	-	-	-	-	-	X	X	-	GO/MG
Bignoniaceae	<i>Jacaranda copaia</i>	(Aubl.) D.Don	Parapará, Caroba, Caraua	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Bignoniaceae	<i>Jacaranda grandifoliolata</i>	A.H.Gentry	Caroba	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i>	(Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Paratudo, Para-tudo, Ipê-amarelo, Caraba	-	-	-	X	X	X	X	X	TO

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Bignoniaceae	<i>Tabebuia roseoalba</i>	(Ridl.) Sandwith	Ipê-branco-do-cerrado	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO
Bignoniaceae	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	(Vell.) Bureau ex Verl.	Ipê-felpudo	-	-	-	-	X	-	X	-	GO/MG
Bixaceae	<i>Bixa arborea</i>	Huber	Urucum-da-mata	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i>	L.	Urucum	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Bixaceae	<i>Cochlospermum orinocense</i>	(Kunth) Steud.	Sumaúma-brava	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Boraginaceae	<i>Cordia alliodora</i>	(Ruiz & Pav.) Cham.	Grão-de-galo	-	-	-	X	-	X	-	-	MG
Boraginaceae	<i>Cordia bicolor</i>	A.DC.	Grão-de-galo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Boraginaceae	<i>Cordia exaltata</i>	Lam.	Grão-de-galo	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Boraginaceae	<i>Cordia glabrata</i>	(Mart.) A.DC.	Grão-de-galo	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Boraginaceae	<i>Cordia goeldiana</i>	Huber	Freijó	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Boraginaceae	<i>Cordia naidophila</i>	I.M.Johnst.	Grão-de-galo	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Boraginaceae	<i>Cordia nodosa</i>	Lam.	Pau-de-formiga	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Boraginaceae	<i>Cordia sagotii</i>	I.M.Johnst.	Freijó	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Boraginaceae	<i>Cordia sellowiana</i>	Cham.	Chá-de-bugre	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Crepidospermum rhoifolium</i>	(Benth.) Triana & Planch.	Breu-branco	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium altsonii</i>	Sandwith	Breu, Breu-mescla	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium amazonicum</i>	(Cuatrec.) Daly	Breu, Breu-vermelho-sem-cheiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium apiculatum</i>	Swart	Breu-andirobinha, Breu-vermelho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium decandrum</i>	(Aubl.) Marchand	Breu, Breu-vermelho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium ferrugineum</i>	(Engl.) Engl.	Breu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium giganteum</i>	Engl.	Breu, Breu-grande	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i>	Daly	Breu, Breu-branco	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i>	(Aubl.) Marchand	Amescla, Almecega, Breu	X	-	-	-	X	X	X	-	PA/TO
Burseraceae	<i>Protium opacum</i>	Swart	Breu, Breu-jatoá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium paniculatum</i>	Engl.	Breu-amarelo, Amescla-breu	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium robustum</i>	(Swart) D.M.Porter	Breu-grande	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium spruceanum</i>	(Benth.) Engl.	Breu-querosene	X	-	-	-	X	X	-	-	PA/TO
Burseraceae	<i>Protium strumosum</i>	Daly	Breu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium subserratum</i>	(Engl.) Engl.	Breu-vermelho	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Protium unifoliolatum</i>	Engl.	Breu-aroieira	X	-	X	-	X	X	-	-	PA/TO
Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i>	(Aubl.) Swart	Breu, Breu-manga	X	-	X	-	X	-	-	-	PA/TO
Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i>	(Engl.) Kuntze	Breu-areu-areu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Trattinnickia burserifolia</i>	Mart.	Amescla	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Burseraceae	<i>Trattinnickia rhoifolia</i>	Willd.	Breu-sucuruba	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Calophyllaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i>	Cambess.	Guanandi, Jacareúba	X	-	-	-	X	-	-	-	PA/TO/GO
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera coriacea</i>	Mart. & Zucc.	Pau-santo, Folha-santa	-	-	-	-	-	X	X	X	TO/GO/MG
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera rubriflora</i>	Cambess.	Rosa-do-campo	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera speciosa</i>	A.St.-Hil.	Pau-santo	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i>	(Jacq.) Sarg.	Joá-mirim, Jameri	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Cannabaceae	<i>Trema micrantha</i>	(L.) Blume	Curumirana, Lixeira, Crindiúva, Periquiteira	-	-	-	X	-	X	-	-	PA/GO/MG
Capparaceae	<i>Crateva tapia</i>	L.	Catauré, Carauaçú	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Cardiopteridaceae	<i>Citronella paniculata</i>	(Mart.) R.A.Howard	Falsa-congonheira	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Caricaceae	<i>Jacaratia spinosa</i>	(Aubl.) A.DC.	Mamão-do-mato, Jaracatiá, Mamãozinho	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i>	Cambess.	Pequi	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Celastraceae	<i>Cheiloclinium cognatum</i>	(Miers) A.C.Sm.	Uarutama	-	-	-	-	-	X	-	-	TO
Celastraceae	<i>Maytenus floribunda</i>	Reissek	-	-	-	X	-	-	-	-	-	MG
Celastraceae	<i>Maytenus gonoclada</i>	Mart.	-	-	-	-	X	-	-	-	-	TO
Celastraceae	<i>Maytenus guyanensis</i>	Klotzsch ex Reissek	Chichuá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Celastraceae	<i>Plenckia populnea</i>	Reissek	Marmelo-do-campo	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Celastraceae	<i>Salacia crassifolia</i>	(Mart. ex Schult.) G.Don	-	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Chrysobalanaceae	<i>Couepia canomensis</i>	(Mart.) Benth. ex Hook.f.	Caripé	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Couepia grandiflora</i>	(Mart. & Zucc.) Benth.	Genciana, Oiticica, Fruta-de-ema	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO
Chrysobalanaceae	<i>Couepia guianensis</i>	Aubl.	Macucu	X	-	X	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Chrysobalanaceae	<i>Couepia longipendula</i>	Pilg.	Castanha-de-galinha	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Couepia robusta</i>	Huber	Pajurá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Couepia ulei</i>	Pilg.	Oitirana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella cf. gracilipes</i>	(Hook.f.) Prance	Cariperana	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella glandulosa</i>	Spreng.	Bosta-de-cabra, Bosta-de-rato, Vermelhão, Azeitona	-	-	X	-	X	X	X	-	PA/TO/GO
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella gracilipes</i>	(Hook.f.) Prance	Cariperana	X	-	-	X	X	X	-	-	PA/TO/GO/MG
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella racemosa</i>	Lam.	Cariperana, Ajuru, Cumaterana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella rodriguesii</i>	Prance	Cariperana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania apetala</i>	(E.Mey.) Fritsch	Caripé-torrado	-	-	X	-	X	X	-	-	PA/TO
Chrysobalanaceae	<i>Licania canescens</i>	Benoist	Caipé, Macucú	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania caudata</i>	Prance	Cariperana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania cf. apetala</i>	(E.Mey.) Fritsch	Cariperana	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Chrysobalanaceae	<i>Licania guianensis</i>	(Aubl.) Griseb.	Cariperana, Caripê	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha</i>	Benth.	Macucu-fofo, Caripé-rana, Chiadora	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania humilis</i>	Cham. & Schltdl.	Marmelinho-do-cerrado	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Chrysobalanaceae	<i>Licania impressa</i>	Prance	Caripê-branco	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania lata</i>	J.F.Macbr.	Caripé	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania longistyla</i>	(Hook.f.) Fritsch	Caripé, Uchi-de-cotia, Pajurazinho	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania micrantha</i>	Miq.	Caripé, Caripé-pintadinho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania niloi</i>	Prance	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania oblongifolia</i>	Standl.	Macucu-branco, Macucu-chiador, Pajurá-rana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania octandra</i>	(Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze	Farinha-seca	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania pallida</i>	Spruce ex Sagot	Cariperana-branca	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania prismatocarpa</i>	Spruce ex Hook.f.	-	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Licania rodriguesii</i>	Prance	Caripé	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Parinari excelsa</i>	Sabine	Parinari, Uchirana, Uchi-de-tabaqui	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Chrysobalanaceae	<i>Parinari parvifolia</i>	Sandwith	Prego-de-cotia	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Clusiaceae	<i>Dystovomita brasiliensis</i>	D'Arcy	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Clusiaceae	<i>Garcinia brasiliensis</i>	Mart.	Bacupari	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Clusiaceae	<i>Garcinia gardneriana</i>	(Planch. & Triana) Zappi	Bacupari	-	-	-	X	X	-	-	-	GO
Clusiaceae	<i>Garcinia madruno</i>	(Kunth) Hammel	Bacupari	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Clusiaceae	<i>Moronobea coccinea</i>	Aubl.	Bacuri	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Clusiaceae	<i>Platonia insignis</i>	Mart.	Bacuriação	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Clusiaceae	<i>Symphonia globulifera</i>	L.f.	Anani	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Clusiaceae	<i>Tovomita guianensis</i>	Aubl.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Clusiaceae	<i>Tovomita obovata</i>	Engl.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Combretaceae	<i>Buchenavia grandis</i>	Ducke	Tanimbuca, Cuirana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Combretaceae	<i>Buchenavia parvifolia</i>	Ducke	Tanimbuca, Tanimbuca-folha-pequena	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i>	Eichler	Tanimbuca, Tarumarana	-	-	-	X	X	-	-	-	TO/GO/MG
Combretaceae	<i>Combretum laxum</i>	Jacq.	Mofumbo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i>	Mart.	Capitão, Pau-de-bicho	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO
Combretaceae	<i>Terminalia glabrescens</i>	Mart.	Amendoeira-da-mata	-	-	-	-	-	X	-	-	TO
Combretaceae	<i>Terminalia lucida</i>	Hoffmanns. ex Mart. & Zucc.	Capitão	-	-	-	-	X	X	-	-	TO
Connaraceae	<i>Connarus erianthus</i>	Benth. ex Baker	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Connaraceae	<i>Connarus perrottetii</i>	(DC.) Planch.	Casca-de-sangue	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Connaraceae	<i>Connarus suberosus</i>	Planch.	Podoio, Pau-de-brinco	-	-	-	-	X	X	X	X	TO/GO
Connaraceae	<i>Rourea induta</i>	Planch.	Conta, Botica-inteira, Pau-cipó	-	-	-	-	-	X	X	-	GO
Dichapetalaceae	<i>Tapura amazonica</i>	Poepp. & Endl.	Pau-de-bicho	X	-	X	-	X	X	X	-	PA/TO
Dichapetalaceae	<i>Tapura guianensis</i>	Aubl.	Pau-de-bicho	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i>	L.	Lixeira, Cajueiro-bravo, Caimbé, Sambaiba	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Dilleniaceae	<i>Davilla elliptica</i>	A.St.-Hil.	Lixeirinha	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/MG
Ebenaceae	<i>Diospyros carbonaria</i>	Benoist	Cafui	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Ebenaceae	<i>Diospyros cavalcantei</i>	Sothers	Envireira-preta	X	-	-	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Ebenaceae	<i>Diospyros guianensis</i>	(Aubl.) Gürke	Comida-de-pomba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Ebenaceae	<i>Diospyros hispida</i>	A.DC.	Corticeira, Olho-de-boi, Caqui-do-cerrado	-	-	-	-	-	-	X	-	TO/GO
Ebenaceae	<i>Diospyros poeppigiana</i>	A.DC.	Panema	-	-	X	-	X	X	X	-	PA/TO
Ebenaceae	<i>Diospyros vestita</i>	Benoist	Caqui-preto, Piriquiteira	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea floribunda</i>	Spruce ex Benth.	Urucurana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea guianensis</i>	(Aubl.) Benth.	Urucurana, Laranjeira-do-mato	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea laurifolia</i>	(Benth.) Benth.	Urucurana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea schomburgkii</i>	Benth.	Sloanea-da-folha-grande	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum citrifolium</i>	A.St.-Hil.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum deciduum</i>	A.St.-Hil.	Cocão, Fruta-de-pomba, Catuaba	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum suberosum</i>	A.St.-Hil.	Sombra-de-touro, Cabelo-de-negro	-	-	-	-	-	X	X	X	TO
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum tortuosum</i>	Mart.	-	-	-	-	-	-	X	-	-	MG
Euphorbiaceae	<i>Alchornea discolor</i>	Poepp.	Supiarana	X	-	-	-	X	-	-	-	PA/TO
Euphorbiaceae	<i>Alchornea glandulosa</i>	Poepp. & Endl.	Tapiá-guaçu	-	-	-	X	X	X	-	-	GO/MG
Euphorbiaceae	<i>Anomalocalyx uleanus</i>	(Pax & K.Hoffm.) Ducke	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Aparisthmium cordatum</i>	(A.Juss.) Baill.	Morocototó	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Cnidocolus quercifolius</i>	Pohl	Faveleiro	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Euphorbiaceae	<i>Conceveiba guianensis</i>	Aubl.	Arara-seringa, Breu-branco	X	-	-	-	-	X	-	-	PA/TO
Euphorbiaceae	<i>Conceveiba martiana</i>	Baill.	Arraieira-branca	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Croton matourensis</i>	Aubl.	Sangra-d'água, Maravuvuia	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i>	Baill.	Sangra-d'água	X	X	-	-	X	-	-	-	PA/GO/MG
Euphorbiaceae	<i>Glycydendron amazonicum</i>	Ducke	Pau-doce, Glícia	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Mabea guianensis</i>	Aubl.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Mabea speciosa</i>	Müll. Arg.	Leiteiro, Taquari	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Mabea subsessilis</i>	Pax & K.Hoffm.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Maprounea guianensis</i>	Aubl.	Farinheira, Bonifácio	-	X	-	X	X	X	X	-	PA/GO/MG
Euphorbiaceae	<i>Micrandra spruceana</i>	(Baill.) R.E.Schult.	Seringarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Pausandra trianae</i>	(Müll.Arg.) Baill.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Euphorbiaceae	<i>Sapium glandulosum</i>	(L.) Morong	Leiteiro	X	-	X	-	X	-	-	-	PA/GO
Euphorbiaceae	<i>Sapium marmieri</i>	Huber	Burra-leiteira	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Abarema floribunda</i>	(Spruce ex Benth.) Barneby & J.W.Grimes	Abarema-da-folha-grande	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Abarema jupunba</i>	(Willd.) Britton & Killip	Saboeiro	X	-	-	-	X	-	-	-	PA/TO
Fabaceae	<i>Abarema piresii</i>	Barneby & J.W.Grimes	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Alexa grandiflora</i>	Ducke	Melancieira	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i>	(Vell.) Brenan	Angico, Angico-branco	X	X	-	X	X	X	X	-	PA/GO/MG
Fabaceae	<i>Anadenanthera peregrina</i>	(L.) Speg.	Angico	X	-	-	X	-	X	-	-	PA/TO
Fabaceae	<i>Andira cujabensis</i>	Benth.	Pinho-do-cerrado	-	-	-	-	X	-	X	-	TO
Fabaceae	<i>Andira inermis</i>	(W.Wright) DC.	Morcegueira	-	-	-	-	-	X	X	-	TO
Fabaceae	<i>Andira micrantha</i>	Ducke	Sucupira-preta, Sucupira-amarela	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Andira unifoliolata</i>	Ducke	sucupira-chorona, andira-vermelha	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Andira vermifuga</i>	(Mart.) Benth.	Angelim	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO
Fabaceae	<i>Apuleia leiocarpa</i>	(Vogel) J.F.Macbr.	Barajuba, Mulateira	X	X	X	-	X	X	-	-	PA/TO
Fabaceae	<i>Bauhinia acreana</i>	Harms	Capa-de-bode	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Bauhinia forficata</i>	Link	Unha-de-vaca, Pata-de-vaca, Casco-de-vaca, Mororó	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Bauhinia rufa</i>	(Bong.) Steud.	-	X	X	-	-	X	-	X	-	PA/MG
Fabaceae	<i>Bocoa viridiflora</i>	(Ducke) R.S.Cowan	Sucupira-preta	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i>	Kunth	Sucupira-preta	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO/MG
Fabaceae	<i>Cassia fastuosa</i>	Willd. ex Benth.	Fava-cipó (baratinha)	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Cedrelinga cateniformis</i>	(Ducke) Ducke	Cedrerana, Cedro-rana, Tornillo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Cenostigma tocantinum</i>	Ducke	Pau-preto	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Chamaecrista orbiculata</i>	(Benth.) H.S.Irwin & Barneby	Planta-moeda	-	-	-	-	-	X	X	-	GO
Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Desf.	Copaíba, Pau-d'óleo	X	-	X	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Fabaceae	<i>Copaifera multijuga</i>	Hayne	Copaíba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Fabaceae	<i>Crudia tomentosa</i>	(Aubl.) J.F.Macbr.	Pau-preto	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Cynometra bauhiniaefolia</i>	Benth.	Jutairana	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Dalbergia miscolobium</i>	Benth.	Caviúna, Jacarandá	-	-	-	-	-	X	X	-	GO
Fabaceae	<i>Dialium guianense</i>	(Aubl.) Sandwith	Jutaí, Tamarindo, Jataipeba, Jutai-pororoca, Pororoqueira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Dimorphandra mollis</i>	Benth.	Faveira, Faveira-do-campo, Falso-barbatimão	-	-	-	-	-	X	X	-	TO/MG
Fabaceae	<i>Dimorphandra pennigera</i>	Tul.	Fava	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Dimorphandra polyandra</i>	Benoist	Fava	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Diploptropis martiusii</i>	Benth.	Sucupira	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Diploptropis purpurea</i>	(Rich.) Amshoff	Sucupira-preta	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Diploptropis triloba</i>	Gleason	Sucupira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i>	Vogel	Baru, Cumarú	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO
Fabaceae	<i>Dipteryx magnifica</i>	(Ducke) Ducke	Cumaru-ferro, Cumaru-rosa	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i>	(Aubl.) Willd.	Cumaru-ferro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>	(Vell.) Morong	Tamboril	-	-	-	X	X	X	X	-	GO
Fabaceae	<i>Enterolobium gummiferum</i>	(Mart.) J.F.Macbr.	Tamboril	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO
Fabaceae	<i>Enterolobium schomburgkii</i>	(Benth.) Benth.	Orelha-de-negro, Tamboril-bravo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Eperua duckeana</i>	R.S.Cowan	Muirapiranga	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i>	L.	Jatobá, Jatobá-cachorro, Jatobá-da-mata, Jataí	X	-	X	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Fabaceae	<i>Hymenaea intermedia</i>	Ducke	Jutai-mirim, Jatobá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i>	Mart. ex Hayne	Jatobá, Jatobá-do-cerrado, Jatobá-de-vaqueiro	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO/MG
Fabaceae	<i>Hymenolobium modestum</i>	Ducke	Angelim-pedra, Angelim-manteiga	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga alata</i>	Benoist	Ingá	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga alba</i>	(Sw.) Willd.	Ingá, Ingá-pereba, Ingaí, Ingá-xixi, Ingá-turi	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga capitata</i>	Desv.	Ingá-costela	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga cayennensis</i>	Sagot ex Benth.	Ingá-de-macaco, Ingá-peludo, Ingá-amarelo	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga cf. cylindrica</i>	(Vell.) Mart.	Ingá	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Fabaceae	<i>Inga cordatoalata</i>	Ducke	Ingaí	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga edulis</i>	Mart.	Ingá-de-metro	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga gracilifolia</i>	Ducke	Ingá-chichica, Ingá-duro, Ingá-ferro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga grandiflora</i>	Ducke	Ingá, Ingá-do-mato	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga huberi</i>	Ducke	Ingá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga lateriflora</i>	Miq.	Ingá-preto	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga laurina</i>	(Sw.) Willd.	Ingá, Ingaí, Ingá-de-macaco	-	-	-	X	X	-	-	-	GO/MG
Fabaceae	<i>Inga macrophylla</i>	Humb. & Bonpl. ex Willd.	Pacaí, Ingá	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga marginata</i>	Willd.	Ingá, Ingá-feijão	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga obidensis</i>	Ducke	Ingaí	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga paraensis</i>	Ducke	Ingá, Ingarana, Ingá-chichica, Ingá-de-periquito	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga pilosula</i>	(Rich.) J.F.Macbr.	Ingá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga rubiginosa</i>	(Rich.) DC.	ingá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga splendens</i>	Willd.	Ingá-duro, Ingá-açu-da-mata-de-várzea	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga stipularis</i>	DC.	Inga-de-orelha	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga thibaudiana</i>	DC.	Ingá-macaco	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga umbellifera</i>	(Vahl) DC.	Ingá-folha-média	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga umbratica</i>	Poepp. & Endl.	Ingá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Inga vera</i>	Willd.	Ingá-do-brejo	-	-	-	-	X	X	-	-	TO
Fabaceae	<i>Lecointea amazonica</i>	Ducke	Pracuuba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Leptolobium dasycarpum</i>	Vogel	-	-	-	-	-	-	-	X	-	TO/GO
Fabaceae	<i>Leptolobium elegans</i>	Vogel	-	-	-	-	-	-	X	-	-	GO
Fabaceae	<i>Leucochloron incuriale</i>	(Vell.) Barneby & J.W.Grimes	Chico-pires	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Fabaceae	<i>Lonchocarpus cultratus</i>	(Vell.) A.M.G.Azevedo & H.C.Lima	Embira-sapo	-	-	-	X	X	-	X	-	GO/MG
Fabaceae	<i>Machaerium acutifolium</i>	Vogel	Jacarandá, Bico-de-pato, Guaximbé	-	-	-	-	-	X	X	-	TO/GO/MG
Fabaceae	<i>Machaerium cf. opacum</i>	Vogel	-	-	-	-	X	-	X	X	-	GO/MG
Fabaceae	<i>Machaerium nyctitans</i>	(Vell.) Benth.	Guaximbé, Bico-de-pato	-	-	-	X	-	-	-	-	MG

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Fabaceae	<i>Machaerium opacum</i>	Vogel	Jacaranda-do-campo	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Fabaceae	<i>Machaerium stipitatum</i>	Vogel	Sapuvinha	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Fabaceae	<i>Machaerium villosum</i>	Vogel	Jacarandá-paulista	-	-	-	-	-	X	-	-	GO/MG
Fabaceae	<i>Macrobium acaciifolium</i>	(Benth.) Benth.	Fava, Araparí, Orelha-de-macaco, Raparigueira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Macrobium microcalyx</i>	Ducke	Copaibarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Mimosa setosa</i>	Benth.	-	-	-	-	-	X	-	X	-	MG
Fabaceae	<i>Mimosa tenuiflora</i>	(Willd.) Poir.	Jurema-preta	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Ormosia arborea</i>	(Vell.) Harms	Olho-de-cabra	-	-	-	X	X	-	X	-	TO
Fabaceae	<i>Ormosia grossa</i>	Rudd	Tento	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Ormosia macrocalyx</i>	Ducke	Tento	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Ormosia paraensis</i>	Ducke	Tenteiro, Tento	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Paramachaerium ormosioides</i>	(Ducke) Ducke	Mututi-duro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Parkia multijuga</i>	Benth.	Faveira-branca, Visgueiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Parkia panurensis</i>	Benth. ex H.C.Hopkins	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Parkia pendula</i>	(Willd.) Benth. ex Walp.	Visgueiro, Angelim-saia	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Peltogyne paniculata</i>	Benth.	Roxinho, Escorrega-macaco	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Peltophorum dubium</i>	(Spreng.) Taub.	Canafistula	-	-	-	-	-	X	-	-	GO
Fabaceae	<i>Pentaclethra macroloba</i>	(Willd.) Kuntze	Pracaxi	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Piptadenia gonoacantha</i>	(Mart.) J.F.Macbr.	Pau-jacaré	-	-	-	X	X	-	-	-	GO
Fabaceae	<i>Plathymenia reticulata</i>	Benth.	Amarelinho, Vinhático, Candeia	-	-	-	X	-	X	X	-	TO/GO
Fabaceae	<i>Platymiscium pinnatum</i>	(Jacq.) Dugand	Macacaíba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Platypodium elegans</i>	Vogel	Amendoim-do-campo, Faveiro	-	-	-	-	-	X	-	-	TO
Fabaceae	<i>Pseudopiptadenia psilostachya</i>	(DC.) G.P.Lewis & M.P.Lima	Timborana, Cambuí, Paricá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Pterocarpus officinalis</i>	Jacq.	Pau-sangue	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Pterocarpus rohrii</i>	Vahl	Mututi-da-terra-firme, Sangue-de-galo, Pau-sangue	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	L'Hér. ex DC.	-	-	-	-	X	-	X	X	-	TO
Fabaceae	<i>Pterodon emarginatus</i>	Vogel	Sucupira-branca, Faveiro, Fel-de-paca	-	-	-	-	X	-	X	-	TO
Fabaceae	<i>Pterodon pubescens</i>	(Benth.) Benth.	Sucuripa-branca	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Fabaceae	<i>Samanea tubulosa</i>	(Benth.) Barneby & J.W.Grimes	Sete-cascas	-	-	-	X	-	-	-	-	TO
Fabaceae	<i>Schizolobium parahyba</i>	(Vell.) Blake	Guapuruvu	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Senegalia polyphylla</i>	(DC.) Britton & Rose	Monjoleiro	X	X	X	-	X	-	-	-	PA/TO
Fabaceae	<i>Senna multijuga</i>	(Rich.) H.S.Irwin & Barneby	Pau-cigarra, Aleluia	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Senna tapajozensis</i>	(Ducke) H.S.Irwin & Barneby	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	(Mart.) Coville	Barbatimão	-	-	-	-	X	X	X	X	GO/MG
Fabaceae	<i>Stryphnodendron guianense</i>	(Aubl.) Benth.	Paricarana	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Stryphnodendron polyphyllum</i>	Mart.	Barbatimão	-	-	-	-	X	X	X	X	TO/GO/MG
Fabaceae	<i>Stryphnodendron racemiferum</i>	(Ducke) W.A.Rodrigues	Barbatimão	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Swartzia arborescens</i>	(Aubl.) Pittier	Jenipapinho, Mututi-duro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Swartzia corrugata</i>	Benth.	Coração-de-negro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Swartzia cuspidata</i>	Spruce ex Benth.	Muirapiranga-folha-miúda	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Swartzia ingifolia</i>	Ducke	Carrapatinho, Sucupira-amarela	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Swartzia polyphylla</i>	DC.	Pitaica, Paracutáca-de-terra-firme	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Swartzia recurva</i>	Poepp.	Muirá-jibóia, Urucurana, Muirajibóia-amarela	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Swartzia tomentifera</i>	(Ducke) Ducke	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Sweetia fruticosa</i>	Spreng.	Angelim	-	-	-	-	X	X	-	-	GO
Fabaceae	<i>Tachigali aurea</i>	Tul.	Tachi	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Fabaceae	<i>Tachigali chrysophylla</i>	(Poepp.) Zarucchi & Herend.	Taxi-pitomba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Tachigali glauca</i>	Tul.	Tachi-preto	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Tachigali macropetala</i>	(Ducke) L.G.Silva & H.C.Lima	Tachi	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Tachigali micropetala</i>	(Ducke) Zarucchi & Pipoly	Tachi	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Tachigali paniculata</i>	Aubl.	Tachi-preto	X	-	-	-	-	X	-	-	PA/GO
Fabaceae	<i>Tachigali setifera</i>	(Ducke) Zarucchi & Herend.	Tachi	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Tachigali venusta</i>	Dwyer	Tachi	X	-	-	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Fabaceae	<i>Tachigali vulgaris</i>	L.G.Silva & H.C.Lima	Tachi	-	-	-	-	-	X	X	-	TO
Fabaceae	<i>Taralea oppositifolia</i>	Aubl.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Vatairea guianensis</i>	Aubl.	Angelim-do-iguapó, Fava-bolacha-da-várzea, Impingeira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Vatairea macrocarpa</i>	(Benth.) Ducke	Sucupira, Angelim-do-cerrado, Amargoso	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Fabaceae	<i>Vatairea paraensis</i>	Ducke	Faveira, Fava-amargosa	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Vatairea sericea</i>	(Ducke) Ducke	Sucupira, Angelim-amargoso, Faveira-amargosa	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Vouacapoua americana</i>	Aubl.	Acapú	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Zollernia paraensis</i>	Huber	Muirapijó, Pau ferro, Pau santo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Zygia cataractae</i>	(Kunth) L.Rico	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Zygia latifolia</i>	(L.) Fawc. & Rendle	Inga-bravo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Fabaceae	<i>Zygia racemosa</i>	(Ducke) Barneby & J.W.Grimes	Angelim-rajado	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Goupiaceae	<i>Goupia glabra</i>	Aubl.	Maripá, Cupiúba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Humiriaceae	<i>Endopleura uchi</i>	(Huber) Cuatrec.	Uchi, Uchi-loiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Humiriaceae	<i>Sacoglottis guianensis</i>	Benth.	Uchirana	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Humiriaceae	<i>Vantanea guianensis</i>	Aubl.	Uchirana	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Hypericaceae	<i>Vismia brasiliensis</i>	Choisy	Lacre	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/MG
Hypericaceae	<i>Vismia cayennensis</i>	(Jacq.) Pers.	Lacre	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Hypericaceae	<i>Vismia guianensis</i>	(Aubl.) Choisy	Lacre-branco, Pau-de-lacre	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Hypericaceae	<i>Vismia japurensis</i>	Reichardt	Lacre-vermelho	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Hypericaceae	<i>Vismia macrophylla</i>	Kunth	Lacre	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Icacinaceae	<i>Emmotum acuminatum</i>	(Benth.) Miers	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Icacinaceae	<i>Emmotum nitens</i>	(Benth.) Miers	Muiraximbé, Sobre, Aderno	X	-	X	-	X	X	X	-	PA/TO/GO
Icacinaceae	<i>Poraqueiba sericea</i>	Tul.	Umari	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lacistemataceae	<i>Lacistema aggregatum</i>	(P.J.Bergius) Rusby	Mata-calado	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lacistemataceae	<i>Lacistema hasslerianum</i>	Chodat	Guruguva	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Lamiaceae	<i>Aegiphila integrifolia</i>	(Jacq.) Moldenke	Tamanqueira	-	-	-	X	X	-	-	-	TO/MG
Lamiaceae	<i>Vitex polygama</i>	Cham.	Tarumã, Maria-preta	X	-	-	-	X	X	-	-	PA/TO
Lamiaceae	<i>Vitex triflora</i>	Vahl	Tarumã	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Aniba canelilla</i>	(Kunth) Mez	Preciosa, Casca-preciosa	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Aniba hostmanniana</i>	(Nees) Mez	Louro-amarelo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Aniba panurensis</i>	(Meisn.) Mez	Louro-aritu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Aniba williamsii</i>	O. C. Schmidt	-	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Dicypellium manausense</i>	W.A.Rodrigues	Cravo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Endlicheria aff. sericea</i>	Nees	-	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Lauraceae	<i>Endlicheria bracteata</i>	Mez	Louro-peludo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Endlicheria paniculata</i>	(Spreng.) J.F.Macbr.	Canela-cheirosa	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Lauraceae	<i>Endlicheria sericea</i>	Nees	Canela	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Licaria crassifolia</i>	(Poir.) P.L.R.Moraes	Louro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Licaria guianensis</i>	Aubl.	Louro-aritú, Louro-mangarataia	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Licaria martiniana</i>	(Mez) Kosterm.	Louro, Louro-chumbo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Mezilaurus duckei</i>	van der Werff	Itauba-abacate	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Mezilaurus itauba</i>	(Meisn.) Taub. ex Mez	Itaúba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Nectandra cuspidata</i>	Nees	Canela	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Nectandra lanceolata</i>	Nees	Canela-amarela	-	-	-	X	X	X	X	-	MG
Lauraceae	<i>Nectandra megapotamica</i>	(Spreng.) Mez	Canelinha	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Lauraceae	<i>Nectandra oppositifolia</i>	Nees	Canela-amarela	-	-	-	X	X	X	-	-	GO/MG
Lauraceae	<i>Ocotea aciphylla</i>	(Nees & Mart.) Mez	Louro-amarelo	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Lauraceae	<i>Ocotea cinerea</i>	van der Werff	Louro-preto	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Ocotea corymbosa</i>	(Meisn.) Mez	Canela	-	-	-	-	-	-	X	-	GO
Lauraceae	<i>Ocotea cumary</i>	Mart.	Louro-branco, Louro-tamanco	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Lauraceae	<i>Ocotea diospyrifolia</i>	(Meisn.) Mez	Canela	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Lauraceae	<i>Ocotea nigrescens</i>	Vicent.	Louro-preto	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Ocotea subrutilans</i>	Mez	Louro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Lauraceae	<i>Ocotea velloziana</i>	(Meisn.) Mez	Canela-branca	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne grandis</i>	(Mez) Rohwer	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne negrensis</i>	Madriñán	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne peneia</i>	Madriñán	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne sordida</i>	Madriñán	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Bertholletia excelsa</i>	Bonpl.	Castanha-do-Pará, Castanheira	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Cariniana estrellensis</i>	(Raddi) Kuntze	Jequitibá, Jequitibá-branco	-	-	-	X	X	-	-	-	GO
Lecythidaceae	<i>Cariniana micrantha</i>	Ducke	Tauari--vermelho, taurí, Cachimbeiro, Tauari	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Cariniana rubra</i>	Gardner ex Miers	Tauari-cachimbo, Cachimbeiro	-	-	X	-	X	X	-	-	PA/TO
Lecythidaceae	<i>Corythophora alta</i>	R.Knuth	Ripeiro-vermelho, Matamatá-cascuda	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Couratari oblongifolia</i>	Ducke & Kunth	Tauari-branco	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Couratari stellata</i>	A.C.Sm.	Tauarí	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera albiflora</i>	(DC.) Miers	Espinho-da-várzea	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera amazonica</i>	R.Knuth	Matamatá-vermelho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera atropetiolata</i>	S.A.Mori	Castanharana, Castanha-vermelha	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera coriacea</i>	(DC.) S.A.Mori	Mata-matá, Matamatá-preto, Tauari, Ovo-frito	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera nana</i>	(O.Berg) Miers	Ovo-frito, Sapucaia	-	-	-	-	-	X	X	-	TO
Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i>	(Cambess.) Mart. ex Miers	Biriba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera pedicellata</i>	(Rich.) S.A.Mori	Matamatá, Matamatá-roxa	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera pseudodecolorans</i>	S.A.Mori	Matamatá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera romeu-cardosoi</i>	S.A.Mori	Matamatá-do-romeu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera tessmannii</i>	R.Knuth	Ripeiro, Ripeiro-vermelho, Matá-matá-vermelho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera truncata</i>	A.C.Sm.	Corroupiã, Matamatá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Eschweilera wachenheimii</i>	(Benoist) Sandwith	Matamatá-mirim	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Gustavia augusta</i>	L.	Jeniparana, Matamatá-branco	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Gustavia elliptica</i>	S.A.Mori	Mucurão	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Lecythis barnebyi</i>	S.A.Mori	Jarana-de-folha-grande	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Lecythis lurida</i>	(Miers) S.A.Mori	Sapucarana, Sapucaí	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Lecythis pisonis</i>	Cambess.	Sapucaia	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Lecythis prancei</i>	S.A.Mori	Castanha-jarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Lecythidaceae	<i>Lecythis zabucajo</i>	Aubl.	Sapucaia, Castanha-sapucaia	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Loganiaceae	<i>Antonia ovata</i>	Pohl	-	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i>	A.St.-Hil.	Mangava-brava, Louro, Pacari	-	-	-	X	-	X	X	X	TO/GO/MG
Lythraceae	<i>Physocalymma scaberrimum</i>	Pohl	Pau-de-rosas, nó de porco, cega-machado	-	-	-	X	X	X	X	-	TO
Magnoliaceae	<i>Magnolia ovata</i>	(A.St.-Hil.) Spreng.	Pinha-do-brejo	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Malpighiaceae	<i>Byrsonima basiloba</i>	A.Juss.	Murici	-	-	-	-	-	X	X	-	GO/MG
Malpighiaceae	<i>Byrsonima chrysophylla</i>	Kunth	Murici	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malpighiaceae	<i>Byrsonima coccolobifolia</i>	Kunth	Murici-do-cerrado, Somaneira	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO/MG
Malpighiaceae	<i>Byrsonima crassifolia</i>	(L.) Kunth	Murici-de-ema	-	-	-	-	X	X	X	X	TO/MG
Malpighiaceae	<i>Byrsonima crispa</i>	A.Juss.	Muruci-da-mata	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Malpighiaceae	<i>Byrsonima duckeana</i>	W.R.Anderson	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malpighiaceae	<i>Byrsonima laxiflora</i>	Griseb.	-	-	-	-	X	X	X	-	-	TO
Malpighiaceae	<i>Byrsonima pachyphylla</i>	A.Juss.	Murici-ferrugem	-	-	-	X	-	X	X	X	GO/MG
Malpighiaceae	<i>Byrsonima sericea</i>	DC.	Murici	-	-	-	-	-	X	X	X	TO/GO/MG
Malpighiaceae	<i>Byrsonima verbascifolia</i>	(L.) DC.	Murici	-	-	-	-	-	X	X	X	TO/GO/MG
Malpighiaceae	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i>	A.Juss.	-	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Malvaceae	<i>Apeiba echinata</i>	Gaertn.	Pente-de-macaco	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Apeiba tibourbou</i>	Aubl.	Pau-de-jangada, Pente-de-macaco	X	X	-	X	X	X	X	-	PA/TO
Malvaceae	<i>Ceiba pentandra</i>	(L.) Gaertn.	Samaúma	X	-	X	-	X	-	-	-	PA/TO
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i>	(A.St.-Hil.) Ravenna	Paineira-rosa, Paineira-barriguda	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Malvaceae	<i>Eriotheca globosa</i>	(Aubl.) A.Robyns	Mungubinha	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Eriotheca gracilipes</i>	(K.Schum.) A.Robyns	Painerinha-do-cerrado	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Malvaceae	<i>Eriotheca longitubulosa</i>	A.Robyns	-	-	-	X	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Lam.	Mutambo, Mutamba, Chico-magro	X	X	X	X	X	X	X	-	PA/TO/MG
Malvaceae	<i>Herrania mariaae</i>	(Mart.) Decne. ex Goudot	Cacaurana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Huberodendron swietenoides</i>	(Gleason) Ducke	Munguba-da-mata	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Luehea grandiflora</i>	Mart. & Zucc.	Açoita-cavalo, Açoita-cavalo-graúdo, Mutamba-preta	X	-	X	X	X	X	-	-	PA/GO/MG
Malvaceae	<i>Luehea paniculata</i>	Mart. & Zucc.	Açoita-cavalo	-	-	-	-	X	X	X	X	TO
Malvaceae	<i>Lueheopsis rosea</i>	(Ducke) Burret	Açoita-cavalo	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Mollia aff. speciosa</i>	Mart. & Zucc.	-	-	-	-	X	-	-	-	-	TO
Malvaceae	<i>Pachira duckei</i>	(A.Robyns) Fern.Alonso	Mamorana	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Pachira insignis</i>	(Sw.) Savigny	Mamorana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Patinoa paraensis</i>	(Huber) Cuatrec.	Cupurana	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Pseudobombax longiflorum</i>	(Mart. & Zucc.) A.Robyns	Imbiricu	-	-	-	X	-	X	X	X	TO
Malvaceae	<i>Pseudobombax tomentosum</i>	(Mart. & Zucc.) A.Robyns	Imbiricu	-	-	-	-	X	-	X	-	TO
Malvaceae	<i>Quararibea ochocalyx</i>	(K. Schum.) Vischer	Inajarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Sterculia excelsa</i>	Mart.	Xixá, Tacacazeiro	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Sterculia frondosa</i>	Rich.	Tacacazeiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Sterculia striata</i>	A.St.-Hil. & Naudin	Chichá do cerrado	X	X	X	X	X	X	-	-	PA/TO/MG
Malvaceae	<i>Theobroma grandiflorum</i>	(Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Cupuaçu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Theobroma microcarpum</i>	Mart.	Cacaurana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Theobroma speciosum</i>	Willd. ex Spreng.	Cacauí, Cacaurana	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Theobroma subincanum</i>	Mart.	Cupuí, Cupuaçu-da-mata	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Malvaceae	<i>Theobroma sylvestre</i>	Mart.	Cacauí, Cacau-da-mata	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Marcgraviaceae	<i>Norantea guianensis</i>	Aubl.	Flor-de-papagaio, Agarrapé, Rabo-de-arara	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Melastomataceae	<i>Bellucia dichotoma</i>	Cogn.	Goiaba-de-anta	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Bellucia grossularioides</i>	(L.) Triana	Goiaba-de-anta	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i>	(Sw.) Triana	Mexerica, Folha-branca, Olho-de-pomba	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Melastomataceae	<i>Miconia argyrophylla</i>	DC.	Canela-de-velha, Papa-terra	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia cf. rubiginosa</i>	(Bonpl.) DC.	-	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Melastomataceae	<i>Miconia cuspidata</i>	Naudin	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia eriodonta</i>	DC.	-	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia ferruginata</i>	DC.	Miconia, Uvinha, Pixirica	-	-	-	-	X	X	X	-	GO/MG
Melastomataceae	<i>Miconia gratissima</i>	Benth. ex Triana	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia poeppigii</i>	Triana	Tinteiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia pubipetala</i>	Miq.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia pyrifolia</i>	Naudin	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia regelii</i>	Cogn.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Miconia tomentosa</i>	(Rich.) D.Don	-	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Mouriri acutiflora</i>	Naudin	Socoró	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Melastomataceae	<i>Mouriri cf. apiranga</i>	Spruce ex Triana	-	-	-	-	-	-	X	-	-	TO
Melastomataceae	<i>Mouriri collocarpa</i>	Ducke	Miraúba	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Mouriri ficoides</i>	Morley	Muiraua	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Melastomataceae	<i>Mouriri pusa</i>	Gardner	Jabuticaba-do-campo, Puça	-	-	-	-	-	X	X	-	TO
Melastomataceae	<i>Ossaea confertiflora</i>	(DC.) Triana	Pixirica	-	-	-	-	-	-	-	X	MG
Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i>	Aubl.	Andiroba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Carapa procera</i>	DC.	Andirobinha	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i>	Vell.	Cedro, Cedro-rosa, Cedro-vermelho	X	-	-	X	X	-	-	-	PA/MG
Meliaceae	<i>Guarea carinata</i>	Ducke	Jitó	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Guarea guidonia</i>	(L.) Sleumer	Jataúba, Marinheiro-do-mato	X	X	-	X	-	-	-	-	PA/MG
Meliaceae	<i>Guarea kunthiana</i>	A.Juss.	Marinheiro	-	-	-	-	X	-	X	-	TO
Meliaceae	<i>Guarea pubescens</i>	(Rich.) A.Juss.	Jatubá-peluda	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Swietenia macrophylla</i>	King	Mogno	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Trichilia cipo</i>	(A.Juss.) C.DC.	Jitó	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Trichilia elegans</i>	A.Juss.	Catiguá	-	-	-	X	X	-	-	-	GO/MG
Meliaceae	<i>Trichilia micrantha</i>	Benth.	Jitorana	-	-	X	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Meliaceae	<i>Trichilia pleeana</i>	(A.Juss.) C.DC.	Jitó	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Meliaceae	<i>Trichilia schomburgkii</i>	C.DC.	Caxuarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Bagassa guianensis</i>	Aubl.	Amaparana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Brosimum acutifolium</i>	Huber	Mururé	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i>	Trécul	Mururé, Mama-cadela, Amoreira-do-mato, Apê, Inharé	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO/MG
Moraceae	<i>Brosimum guianense</i>	(Aubl.) Huber	Janitá, Pau-rainha-roxo, Janita-branco, Leiteiro-vermelho	X	-	-	-	X	-	-	-	PA/TO
Moraceae	<i>Brosimum lactescens</i>	(S.Moore) C.C.Berg	Garrote, Leiteira, Muiratinga, Amapai	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Brosimum longifolium</i>	Ducke	Amapá-mururé	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Brosimum parinarioides</i>	Ducke	Amapá-doce	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Brosimum rubescens</i>	Taub.	Leiteiro, Amapáí, Conduru, Muirapiranga	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Brosimum utile</i>	(Kunth) Pittier	Janitá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Castilla ulei</i>	Warb.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i>	Ruiz & Pav.	Guariúba, Guariúba-amarela, Oiticica	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Ficus enormis</i>	Mart. ex Miq.	Figueira	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Moraceae	<i>Ficus gomelleira</i>	Kunth	Apuí-preto, Figueira	X	-	-	-	X	-	-	-	PA/TO
Moraceae	<i>Ficus nymphaeifolia</i>	Mill.	Apuí	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Moraceae	<i>Ficus paraensis</i>	(Miq.) Miq.	Apuí, Gameleira, Figueira	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Helianthostylis sprucei</i>	Baill.	-	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Helicostylis scabra</i>	(J.F.Macbr.) C.C.Berg	Inharé	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Helicostylis tomentosa</i>	(Poepp. & Endl.) Rusby	Inharé-folha-peluda, Inharé-paina	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Maclura tinctoria</i>	(L.) D.Don ex Steud.	Tatajuba	-	X	-	-	X	-	-	-	PA/TO
Moraceae	<i>Maquira calophylla</i>	(Poepp. & Endl.) C.C.Berg	Muiratinga	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Maquira coriacea</i>	(H.Karst.) C.C.Berg	Muiratinga	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Maquira guianensis</i>	Aubl.	Amapá-amargoso, Janita-amarelo, Cega-corrente	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Maquira sclerophylla</i>	(Ducke) C.C.Berg	Muiratinga-branca, Muiratinga, Pau-tanino	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Naucleopsis caloneura</i>	(Huber) Ducke	muiratinga	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Perebea mollis</i>	(Poepp. & Endl.) Huber	Pama	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Pseudolmedia laevigata</i>	Trécul	Apitinga, Bapeba-branca, Larga-galho	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Pseudolmedia laevis</i>	(Ruiz & Pav.) J.F.Macbr.	Inharé-folha-miúda, Muiratinga	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Sorocea bonplandii</i>	(Baill.) W.C.Burger et al.	Cincho, Falsa-espineira-santa	X	-	X	X	X	-	-	-	PA/TO/GO
Moraceae	<i>Sorocea guilleminiana</i>	Gaudich.	Jaca-branca, Jaca-brava	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Moraceae	<i>Sorocea muriculata</i>	Miq.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Compsonura ulei</i>	Warb.	Ucuuba-puña, Ucuubarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Iryanthera juruensis</i>	Warb.	Ucuúba-sangue, Ucuubarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Iryanthera lancifolia</i>	Ducke	Ucuubarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Iryanthera ulei</i>	Warb.	Ucuubarana, Ucuuba-branca	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Osteophloeum platyspermum</i>	(Spruce ex A.DC.) Warb.	Ucuubarana, Ucuúba-chorana, Ucuubão	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Virola calophylla</i>	Warb.	Ucuuba-vermelha, Virola	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Virola michelii</i>	Heckel	Ucuúba-preta, Ucuúba-da-mata	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Virola mollissima</i>	(A.DC.) Warb.	Ucuúba, Virola	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Virola pavonis</i>	(A.DC.) A.C.Sm.	Ucuúba, Ucuuba-de-baixio	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myristicaceae	<i>Virola sebifera</i>	Aubl.	Ucuúba	X	-	X	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Myrtaceae	<i>Calycolpus goetheanus</i>	(Mart. ex DC.) O.Berg	Soim	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Calyptranthes crebra</i>	McVaugh	Goiabarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Calyptranthes densiflora</i>	O.Berg	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Campomanesia eugenioides</i>	(Cambess.) D.Legrand ex Landrum	Guabiropa	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Myrtaceae	<i>Campomanesia pubescens</i>	(Mart. ex DC.) O.Berg	Sete-capotes	-	-	-	X	X	-	-	-	GO/MG
Myrtaceae	<i>Campomanesia velutina</i>	(Cambess.) O.Berg	Guabiropa	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Myrtaceae	<i>Eugenia dysenterica</i>	(Mart.) DC.,	Cagaíta	-	-	-	-	-	X	X	-	TO/GO/MG
Myrtaceae	<i>Eugenia excelsa</i>	O.Berg	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Eugenia florida</i>	DC.	Guamirim, Pitanga-preta, Goiabarana	X	-	-	X	-	-	-	-	PA/GO
Myrtaceae	<i>Eugenia longiracemosa</i>	Kiaersk.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Eugenia patrisii</i>	Vahl	Araçarana, Ginja-de-jabuti, Ubaia, Goiabarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Myrtaceae	<i>Marlierea umbraticola</i>	(Kunth) O.Berg	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Myrcia bella</i>	Cambess.	-	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Myrtaceae	<i>Myrcia fenzliana</i>	O.Berg	-	-	-	-	X	-	-	-	-	GO
Myrtaceae	<i>Myrcia guianensis</i>	(Aubl.) DC.	Araça	-	-	-	-	-	X	X	-	MG
Myrtaceae	<i>Myrcia laruotteana</i>	Cambess.	Cambuí	-	-	-	-	X	X	X	X	TO
Myrtaceae	<i>Myrcia madida</i>	McVaugh	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Myrcia paivae</i>	O.Berg	Goiabarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Myrcia splendens</i>	(Sw.) DC.	Guamirim	X	-	X	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Myrtaceae	<i>Myrcia sylvatica</i>	(G.Mey.) DC.	-	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Myrcia tomentosa</i>	(Aubl.) DC.	Goiaba-do-mato	-	-	-	-	X	X	-	X	GO
Myrtaceae	<i>Myrciaria dubia</i>	(Kunth) McVaugh	Caçari	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Myrciaria floribunda</i>	(H.West ex Willd.) O.Berg	Goiabinha, Murta	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Myrtaceae	<i>Psidium cattleianum</i>	Sabine	Araçá-rosa	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Myrtaceae	<i>Psidium firmum</i>	O.Berg	Araça-do-cerrado	-	-	-	-	X	X	-	-	GO/MG
Myrtaceae	<i>Psidium myrtoides</i>	O.Berg	Araça-roxo	-	-	-	-	X	X	X	-	TO
Myrtaceae	<i>Siphoneugena densiflora</i>	O.Berg	-	-	-	-	X	-	-	-	-	GO
Nyctaginaceae	<i>Guapira graciliflora</i>	(Mart. ex Schmidt) Lundell	Maria-mole	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i>	(Vell.) Reitz	João-mole, Maria-faceira, Maria-mole	-	-	-	-	X	-	-	-	MG
Nyctaginaceae	<i>Neea floribunda</i>	Poepp. & Endl.	João-mole, Maria-mole	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Nyctaginaceae	<i>Neea madeirana</i>	Standl.	João-mole, Maria-mole	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Nyctaginaceae	<i>Neea oppositifolia</i>	Ruiz & Pav.	João-mole	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Nyctaginaceae	<i>Neea ovalifolia</i>	Spruce ex J.A.Schmidt	João-mole-folha-pequena	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Nyctaginaceae	<i>Neea robusta</i>	Steyerm.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Nyctaginaceae	<i>Neea theifera</i>	Oerst.	Caparrosa-branca	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Ochnaceae	<i>Ouratea castaneifolia</i>	(DC.) Engl.	-	-	-	-	-	X	X	-	-	TO
Ochnaceae	<i>Ouratea cf. salicifolia</i>	(A.St.-Hil. & Tul.) Engl.	-	-	-	-	-	-	-	X	-	GO
Ochnaceae	<i>Ouratea discophora</i>	Ducke	Pau-de-cobra	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Ochnaceae	<i>Ouratea hexasperma</i>	(A.St.-Hil.) Baill.	Serrinha, Cabelo-de-negro, Bálsamo, Batiputá, Pau-de-sebo	-	-	-	-	-	X	X	X	TO/GO
Ochnaceae	<i>Ouratea polygyna</i>	Engl.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Olacaceae	<i>Chaunochiton kappleri</i>	(Sagot ex Engl.) Ducke	Pau-marfim, Pau-vermelho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Olacaceae	<i>Dulacia candida</i>	(Poepp.) Kuntze	-	-	X	-	-	-	-	-	-	PA
Olacaceae	<i>Dulacia guianensis</i>	(Engl.) Kuntze	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Olacaceae	<i>Heisteria barbata</i>	Cuatrec.	Pipo-de-macaco	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Olacaceae	<i>Heisteria densifrons</i>	Engl.	-	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Olacaceae	<i>Minquartia guianensis</i>	Aubl.	Acariquara, Acariquara-roxa	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i>	Miers ex Benth. & Hook.f.	Marfim, Tinge-cuia, Cerveja-de-pobre, Amarelão	X	-	X	-	X	X	X	X	PA/TO/MG
Opiliaceae	<i>Agonandra silvatica</i>	Ducke,	Pau-marfim	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Peraceae	<i>Pera bicolor</i>	(Klotzsch) Müll.Arg.	Figueirinha	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Peraceae	<i>Pera glabrata</i>	(Schott) Poepp. ex Baill.	Tamanqueira	-	-	-	X	X	X	-	-	GO/MG
Peraceae	<i>Pogonophora schomburgkiana</i>	Miers ex Benth.	Amarelinho	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Phyllanthaceae	<i>Hyeronima alchorneoides</i>	Allemão	Aracurana-da-serra	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Phyllanthaceae	<i>Richeria grandis</i>	Vahl	-	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Piperaceae	<i>Piper arboreum</i>	Aubl.	pimenta-de-macaco, jaborandi	X	-	-	-	-	-	-	X	PA/MG
Piperaceae	<i>Piper demeraranum</i>	(Miq.) C.DC.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Piperaceae	<i>Piper peltatum</i>	L.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Piperaceae	<i>Piper umbellatum</i>	L.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Polygonaceae	<i>Coccoloba mollis</i>	Casar.	Coaçu	X	-	-	-	X	X	X	-	PA/TO/GO
Polygonaceae	<i>Coccoloba paraensis</i>	Meisn.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Polygonaceae	<i>Coccoloba parimensis</i>	Benth.	-	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Polygonaceae	<i>Symmeria paniculata</i>	Benth.	Acarauassú	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Polygonaceae	<i>Triplaris weigeltiana</i>	(Rchb.) Kuntze	Taxi	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Primulaceae	<i>Clavija nutans</i>	(Vell.) B.Stühl	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Primulaceae	<i>Myrsine guianensis</i>	(Aubl.) Kuntze	Capororoca	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO/MG

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Primulaceae	<i>Myrsine umbellata</i>	Mart.	Capororoca	-	-	-	X	X	X	X	-	GO/MG
Proteaceae	<i>Roupala montana</i>	Aubl.	Carvalho, Carne-de-vaca	X	-	X	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Quiinaceae	<i>Lacunaria crenata</i>	(Tul.) A.C.Sm.	Papo-de-mutum, Moela-de-mutum	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Quiinaceae	<i>Lacunaria jenmanii</i>	(Oliv.) Ducke	Papo-de-mutum, Lacunária	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Quiinaceae	<i>Quiina amazonica</i>	A.C.Sm.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rhamnaceae	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i>	Reissek	Cafezinho, Tarumã-í, Cabriteiro	-	-	X	X	X	-	-	-	PA/TO/GO
Rhamnaceae	<i>Ziziphus cinnamomum</i>	Triana & Planch.	Juazeiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i>	(Rich.) A.Rich.	Marmelinho	X	-	-	X	X	X	X	X	PA/TO/GO/MG
Rubiaceae	<i>Amaioua guianensis</i>	Aubl.	Carvoeiro, Marmelada-brava	X	-	-	X	X	X	-	-	PA/GO/MG
Rubiaceae	<i>Bathysa australis</i>	(A.St.-Hil.) K.Schum.	Quina-de-santa-catarina, Caá-açú, Fumo-bravo	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Rubiaceae	<i>Capirona decorticans</i>	Spruce	Pau-mulato, Mulateiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Chimarrhis barbata</i>	(Ducke) Bremek.	Pau-amarelo, Pau-de-remo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Chimarrhis turbinata</i>	DC.	Pau-de-remo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Chomelia malaneoides</i>	Müll. Arg.	Limaorana	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Chomelia sericea</i>	Müll.Arg.	-	-	-	-	X	-	X	-	-	GO/MG
Rubiaceae	<i>Cordia macrophylla</i>	(K.Schum.) Kuntze	Marmelinho	-	-	-	X	X	X	-	-	TO/GO/MG
Rubiaceae	<i>Coussarea ampla</i>	Müll. Arg.	Caferana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Coussarea graciliflora</i>	(Mart.) Müll.Arg.	Caferana	-	-	-	-	X	-	X	-	GO
Rubiaceae	<i>Coussarea hydrangeifolia</i>	(Benth.) Müll.Arg.	Caferana	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO/MG
Rubiaceae	<i>Duroia longiflora</i>	Ducke	Purui	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Duroia longifolia</i>	(Poepp.) K.Schum.	Purui	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Duroia macrophylla</i>	Huber	Purui-da-mata	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Faramea hyacinthina</i>	Mart.	Limãozinho-do-brejo	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Rubiaceae	<i>Galipea jasminiflora</i>	(A.St.-Hil.) Engl.	Jasmim-do-mato	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i>	L.	Genipapo	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Rubiaceae	<i>Guettarda viburnoides</i>	Cham. & Schltdl.	Veludo-branco	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO
Rubiaceae	<i>Isertia hypoleuca</i>	Benth.	Piteira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Palicourea corymbifera</i>	(Müll.Arg.) Standl.	Café-bravo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Palicourea grandiflora</i>	(Kunth) Standl.	Cafezinho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rubiaceae	<i>Randia armata</i>	(Sw.) DC.	Limoeiro-do-mato	-	-	-	-	X	-	-	-	GO/MG
Rubiaceae	<i>Rudgea viburnoides</i>	(Cham.) Benth.	Congonha	-	-	-	X	-	X	X	-	GO/MG
Rubiaceae	<i>Tocoyena formosa</i>	(Cham. & Schltdl.) K.Schum.	Marmelada-brava, Jenipapo-de-cavalo, Genipapinho	-	-	-	-	-	-	X	-	TO/GO/MG
Rutaceae	<i>Esenbeckia grandiflora</i>	Mart.	Mamonarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rutaceae	<i>Esenbeckia leiocarpa</i>	Engl.	Guarantã	-	-	-	-	-	X	-	-	MG
Rutaceae	<i>Metrodorea flavida</i>	K.Krause	Arapoca-branca	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Rutaceae	<i>Zanthoxylum djalma-batistae</i>	(Albuq.) P.G.Waterman	Tamanqueira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i>	Lam.	Mamica-de-porca, Mamica-de-cadela,	X	X	-	-	-	-	X	-	PA/MG
Rutaceae	<i>Zanthoxylum riedelianum</i>	Engl.	Mamica-de-porca, Mamica de cadela.	X	-	-	X	X	X	X	-	PA/GO/MG
Salicaceae	<i>Banara guianensis</i>	Aubl.	Pau-de-bico, Lacre-branco	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Salicaceae	<i>Casearia arborea</i>	(Rich.) Urb.	Pau-de-olaria	X	-	-	-	X	X	-	-	PA/TO
Salicaceae	<i>Casearia gossypiosperma</i>	Briq.	Espeteiro	-	-	-	-	X	-	-	-	GO
Salicaceae	<i>Casearia grandiflora</i>	Cambess.	Azulão, Guaçatonga	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Salicaceae	<i>Casearia javitensis</i>	Kunth	Mutamba-brava, Caneleira	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Salicaceae	<i>Casearia manausensis</i>	Sleumer	-	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Salicaceae	<i>Casearia pitumba</i>	Sleumer	Cabelo-de-cotia	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i>	Sw.	Guaçatonga, Língua-de-tamanduá, Café-bravo, Erva-de-teiú	-	-	-	X	X	-	X	-	TO/GO/MG
Salicaceae	<i>Laetia cupulata</i>	Spruce ex Benth.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Salicaceae	<i>Laetia procera</i>	(Poepp.) Eichler	Pau-jacaré, Piriquiteira, Apijó, Pirarucu	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Sapindaceae	<i>Allophylus edulis</i>	(A.St.-Hil. et al.) Hieron. ex Niederl.	Chal-chal	-	-	-	X	X	X	-	-	GO/MG
Sapindaceae	<i>Allophylus latifolius</i>	Huber	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapindaceae	<i>Cupania hispida</i>	Radlk.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapindaceae	<i>Cupania oblongifolia</i>	Mart.	Camboatã, Pau-magro	-	-	-	X	X	-	-	-	GO/MG
Sapindaceae	<i>Cupania scrobiculata</i>	Rich.	Pitombarana, Espeturana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i>	Cambess.	Arco-de-peneira, Camboatã	-	-	X	X	X	X	-	-	PA/TO/GO/MG
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatum</i>	Radlk.	-	-	-	X	X	-	X	-	-	TO
Sapindaceae	<i>Magonia pubescens</i>	A.St.-Hil.	Timbó, Tingui	-	-	-	X	X	X	X	-	TO/GO
Sapindaceae	<i>Matayba guianensis</i>	Aubl.	Camboatã, Camboatã-branco, Camboatã-branco, Zeca-tatu	X	-	-	X	X	X	X	-	PA/TO/GO/MG
Sapindaceae	<i>Talisia cupularis</i>	Radlk.	Pitomba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i>	(Cambess.) Radlk.	Pitombeira	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Sapindaceae	<i>Talisia mollis</i>	Kunth ex Cambess.	Pitomba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapindaceae	<i>Talisia praealta</i>	Radlk.	Pitomba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapindaceae	<i>Toulicia pulvinata</i>	Radlk.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapindaceae	<i>Vouarana guianensis</i>	Aubl.	Pitombinha	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum amazonicum</i>	T.D.Penn.	Abiurana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum colombianum</i>	(Aubrév.) T.D.Penn.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum gonocarpum</i>	(Mart. & Eichler ex Miq.) Engl.	Aguai	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum marginatum</i>	(Hook. & Arn.) Radlk.	Guatambú-de-leite, Aguai, Aguai-vermelho, Vassourinha	X	-	X	X	-	X	-	-	PA/GO/MG
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum pomiferum</i>	(Eyma) T.D.Penn.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum sanguinolentum</i>	(Pierre) Baehni	Balata-brava, Ucuquirana, Coquirana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum sparsiflorum</i>	Klotzsch ex Miq.	Mangabarana	-	-	-	-	X	-	-	-	TO
Sapotaceae	<i>Ecclinusa guianensis</i>	Eyma	Abiurana, Abiurana-bacuri, Abiurana-caju	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Manilkara elata</i>	(Allemão ex Miq.) Monach.	Maçaranduba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Manilkara triflora</i>	(Allemão) Monach.	Maçaranduba	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Sapotaceae	<i>Micropholis guyanensis</i>	(A.DC.) Pierre	Balata-brava, Abiurana, Mangabarana, Rosadinha, Balata-rosadinha	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Micropholis trunciflora</i>	Ducke	Abiu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Micropholis venulosa</i>	(Mart. & Eichler) Pierre	Abiu, Mulungu, Rosada-verde	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria anomala</i>	(Pires) T.D.Penn.	Abiurana-roxa, Rosadinho, Balatinha, Mangarana	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria caimito</i>	(Ruiz & Pav.) Radlk.	Abiurana, Abiurana-aquariquara	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria cuspidata</i>	(A.DC.) Baehni	Abiu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria durlandii</i>	(Standl.) Baehni	Acá-ferro, Catuá-leiteiro, Abiú-piloso, Curiola, Grão-de-galo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria elegans</i>	(A.DC.) Baehni	Abiurana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria erythrochrysa</i>	T.D.Penn.	Abiu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria filipes</i>	Eyma	Abiurana, Bapeba-ferro, Guapeba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria freitasii</i>	T.D.Penn.	Abiu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria glomerata</i>	(Miq.) Radlk.	Abiurana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria guianensis</i>	Aubl.	Abiurana, Abiurana-casca-fina, Abiurana-gigante	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria laevigata</i>	(Mart.) Radlk.	Abiurana, Abiurana-da-casca-grossa	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria macrophylla</i>	(Lam.) Eyma	Acará-uba, Cutite, Tatutuba	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria minima</i>	T.D.Penn.	Massarandubinha, Abiurana-branca	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria oblanceolata</i>	Pires	Abiu	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria opposita</i>	(Ducke) T.D.Penn.	Abiu, Caramuri	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria pallens</i>	T.D.Penn.	Abiu	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria platyphylla</i>	(A.C.Sm.) Baehni	Abiu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria procera</i>	(Mart.) K.Hammer	Maparajuba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i>	(Mart.) Radlk.	Curriola, Grão-de-galo, Fruta-de-veado, Abiu, Mangava-brava	X	-	-	X	-	X	X	-	PA/TO/GO
Sapotaceae	<i>Pouteria reticulata</i>	(Engl.) Eyma	Abiurana, Guapeva	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria torta</i>	(Mart.) Radlk.	Grão-de-galo	X	-	-	-	X	X	-	-	PA/TO/GO
Sapotaceae	<i>Pouteria vermicosa</i>	T.D.Penn.	Abiu	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Sapotaceae	<i>Pouteria virescens</i>	Baehni	Abiu	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Simaroubaceae	<i>Simaba cedron</i>	Planch.	Paratudo	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Simaroubaceae	<i>Simaba polyphylla</i>	(Cavalcante) W.W.Thomas	-	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i>	Aubl.	Marupá, Marupá-preto, Matá-matá, Caixeta	X	X	X	-	-	-	X	-	PA/TO
Simaroubaceae	<i>Simarouba versicolor</i>	A.St.-Hil.	Pau-de-perdiz, Canela-de-perdiz, Marupá, Paraíba	-	-	-	-	X	-	X	-	GO
Siparunaceae	<i>Siparuna decipiens</i>	(Tul.) A.DC.	Amarelinho, Quariquarana, Capitiú-grande	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i>	Aubl.	Capitiú, Capitiú-branco, Negramina	X	-	X	-	X	X	-	-	PA/TO/GO
Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i>	A.St.-Hil.	Fruto-de-lobo	X	-	-	-	-	-	X	X	PA/GO/MG

Família	Nome científico	Autor	Nome popular	D/A	D/A-S	SO	F	MC/g	Sd	Sa	Sp/g	Estado
Stemonuraceae	<i>Discophora guianensis</i>	Miers	Pombinho	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Styracaceae	<i>Styrax camporum</i>	Pohl	Benjoeiro	-	-	-	-	-	X	X	-	TO
Styracaceae	<i>Styrax cf. sieberi</i>	Perkins	-	-	-	-	X	-	-	-	-	MG
Styracaceae	<i>Styrax ferrugineus</i>	Nees & Mart.	Laranjinha-do-cerrado	-	-	-	-	-	X	X	X	GO/MG
Styracaceae	<i>Styrax pohlii</i>	A.DC.	Benjoeiro-de-bálsamo	-	-	-	X	-	-	-	-	GO
Ulmaceae	<i>Ampelocera edentula</i>	Kuhlmann	Trapiarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Cecropia concolor</i>	Willd.	Imbaúba-branca, Imbaúba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Cecropia distachya</i>	Huber	Imbaúba-branca	X	X	X	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Cecropia hololeuca</i>	Miq.	Embaúba-prateada	-	-	-	X	X	X	-	-	GO/MG
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i>	Trécul	Embaúba	-	-	-	X	X	X	-	-	TO
Urticaceae	<i>Cecropia palmata</i>	Willd.	Imbaúba-vermelha	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Cecropia polystachya</i>	Trécul	Embaúba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Cecropia purpurascens</i>	C.C.Berg	Imbaúba-roxa	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Cecropia sciadophylla</i>	Mart.	Embaúba-gigante	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Pourouma bicolor</i>	Mart.	imbaúba	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Pourouma cuspidata</i>	Mildbr.	Imbaubarana	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Pourouma guianensis</i>	Aubl.	Figueira mata-pau, Mata-pau	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Pourouma minor</i>	Benoist	Mapatirana-folha-pequena, Purumaí, Tourém	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Pourouma tomentosa</i>	Mart. ex Miq.	Uvinha, Imbaubarana, Purumaí	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Pourouma villosa</i>	Trécul	Mapatirana-branca, Imbaúba-branca	X	X	-	-	-	-	-	-	PA
Urticaceae	<i>Ureca caracasana</i>	(Jacq.) Griseb.	Urtiga	-	-	-	-	-	-	X	-	GO
Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i>	(Ruiz & Pav.) Juss.	Cambará-de-lixia, Lixeira, Lixinha	-	-	-	X	-	-	-	-	GO
Verbenaceae	<i>Citharexylum cf. subtruncatum</i>	Moldenke	-	-	-	-	X	-	-	-	-	TO
Verbenaceae	<i>Lippia lupulina</i>	Cham.	-	-	-	-	-	-	-	X	-	MG
Verbenaceae	<i>Petrea volubilis</i>	L.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Amphirrhox longifolia</i>	(A.St.-Hil.) Spreng.	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Leonia glycyarpa</i>	Ruiz & Pav.	Trapiá	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Paypayrola grandiflora</i>	Tul.	Manacarana, Paparola	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Rinorea amapensis</i>	Hekking	Canela -de-jacamim-folha-comprida	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Rinorea falcata</i>	(Mart. ex Eichler) Kuntze	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Rinorea guianensis</i>	Aubl.	Quariquarana, Acariquarana	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Rinorea macrocarpa</i>	(Mart. ex Eichler) Kuntze	Branquinha	X	-	X	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Rinorea racemosa</i>	(Mart.) Kuntze	Jacamim-preto, Canela-de-velho, Canela-de-jacamim	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Violaceae	<i>Rinoreocarpus ulei</i>	(Melch.) Ducke	-	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Vochysiaceae	<i>Callisthene fasciculata</i>	Mart.	Capotão, Carvão-branco, Vassourinha	-	-	-	X	X	X	X	X	TO
Vochysiaceae	<i>Callisthene major</i>	Mart. & Zucc.	-	-	-	-	-	-	-	X	-	TO
Vochysiaceae	<i>Erismia fuscum</i>	Ducke	Quarubarana	-	-	X	-	-	-	-	-	PA
Vochysiaceae	<i>Qualea dichotoma</i>	(Mart.) Warm.	Pau-terra-mirim	-	-	-	-	-	-	-	X	TO
Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i>	Mart.	Pau-terra, Pau-terra-grande, Pau-terrão	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Vochysiaceae	<i>Qualea multiflora</i>	Mart.	Pau-terra-liso, Cinzeiro, Pau-de-tucano	-	-	-	-	X	X	X	X	TO/GO/MG
Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis</i>	Ducke	Lacreiro, Mandioqueira, Carvoeiro	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Vochysiaceae	<i>Qualea parviflora</i>	Mart.	Pau-terra-da-folha-pequena, Pau-terrinha, Pau-terra-roxo	-	-	-	X	X	X	X	X	TO/GO/MG
Vochysiaceae	<i>Ruizterania albiflora</i>	(Warm.) Marc.-Berti	Mandioqueira, Cambará-preto	X	-	-	-	-	-	-	-	PA
Vochysiaceae	<i>Ruizterania wittrockii</i>	(Malme) Marc.-Berti	-	-	-	X	-	X	X	-	-	PA/TO
Vochysiaceae	<i>Salvertia convallariodora</i>	A.St.-Hil.	Chapéu-de-couro	-	-	-	-	-	X	X	X	TO
Vochysiaceae	<i>Vochysia cf. thyrsoidea</i>	Pohl	-	-	-	-	X	X	X	-	-	GO/MG
Vochysiaceae	<i>Vochysia elliptica</i>	Mart.	Pau-doce	-	-	-	-	-	-	-	X	TO
Vochysiaceae	<i>Vochysia haenkeana</i>	Mart.	Pau-amarelo	-	-	X	-	X	X	-	-	PA/TO
Vochysiaceae	<i>Vochysia tucanorum</i>	Mart.	Pau-de-tucano, Pau-cinzeiro	-	-	-	-	X	X	X	-	TO/GO/MG

Fonte: JGP (2015)

Legenda: (D/A) = Associação da Floresta Ombrófila Densa com a Floresta Ombrófila Aberta, (D/A-S) = Associação da Floresta Ombrófila Densa com a Floresta Ombrófila Aberta Secundária, (SO) = Vegetação de Contato Savana – Floresta Ombrófila, (F) = Floresta Estacional Semidecidual, (MC/g) = Mata Ciliar/Galeria, (Sd) = Savana Florestada, (Sa) = Savana Arborizada, (Sp/g) = Savana Parque/Gramíneo-Lenhosa